

**UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
COORDENADORIA DE INTEGRAÇÃO DE
POLÍTICA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA
SETOR DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE ENFERMAGEM**

TIAGO ALBERTO DA SILVA

**A INDISCIPLINA E DESESTRUTURA FAMILIAR COMO CAUSA DO
AFASTAMENTO DOS PROFESSORES: UM PROJETO DE INTERVENÇÃO**

FOZ DO IGUAÇU - PR

2013

TIAGO ALBERTO DA SILVA

**A INDISCIPLINA E DESESTRUTURA FAMILIAR COMO CAUSA DO
AFASTAMENTO DOS PROFESSORES: UM PROJETO DE INTERVENÇÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentada ao Módulo IV do Curso de Especialização em Saúde para professores do ensino Fundamental e Médio da Coordenadoria de Integração de Políticas de Educação a Distância da Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de especialista.

Orientador: Prof^a Shirley Boller.

FOZ DO IGUAÇU – PR

2013

DEDICATÓRIA

Dedico a monografia a minha família pelo apoio concedido a vida estudantil.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos colegas que ao longo da especialização contribuíram com trocas de experiências e conhecimentos nos fóruns.

Agradeço aos amigos e familiares que propiciaram uma visão crítica sobre o tema proposto.

Agradeço, sobretudo a orientadora Prof. Shirley Boller, por contribuir para o meu desenvolvimento pessoal e profissional.

EPÍGRAFE

No Japão, o único profissional que não precisa se curvar diante do imperador é o Professor, pois segundo os japoneses, numa terra que não há professores, não pode haver imperadores.

RESUMO

SILVA, Tiago Alberto. **A indisciplina e desestrutura familiar como causa do afastamento dos professores: um projeto de intervenção.** 2013. Monografia (Especialização em saúde para professores do ensino fundamental e médio) - Universidade Federal do Paraná (UFPR).

O presente trabalho visa promover uma discussão sobre visões antagônicas e contraditórias que permeiam a sociedade, o universo escolar e a realidade dos educandos. Pretende-se relacionar o stress dos professores decorrentes da indisciplina e desestrutura familiar dos alunos. Dentro desta perspectiva pretende-se entrevistar uma professora, um diretor e uma pedagoga que lidaram com tal problemática numa escola pública, tendo em vista uma maior compreensão da realidade da comunidade investigada no que concerne ao tema “stress dos professores” e “indisciplina dos alunos”. A ação para superar tal quadro será propor uma gestão democrática na escola no sentido de criar condições ou meios para aproximar a família da ambiência escolar. Esse projeto intervém na realidade em virtude de que traz sensibilização para as famílias de que elas devem acompanhar o processo de ensino-aprendizagem de seus filhos e participar das reuniões e palestras propostas pela equipe diretiva. Pois se a família cumprir de fato com a sua função social, logo os diversos problemas que há na relação interpessoal entre educador e educando poderão ser diminuídos como a questão da indisciplina e o afastamento dos discentes oriundos do stress ou de outros fatores.

Os resultados foram alcançados, em virtude de que os educandos melhoraram de forma significativa a conduta em sala de aula e internalizaram acerca do papel da família e da escola referente ao processo de ensino e aprendizagem. A produção dos vídeos sucedeu fora da ambiência escolar, ressaltando as condições de trabalho dos educadores e as dificuldades que há na relação interpessoal entre educador e educando, bem como outras problemáticas.

PALAVRAS-CHAVE: RELACIONAMENTO FAMILIAR; RELAÇÕES INTERPESSOAIS; VIOLÊNCIA.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	08
1. 1 Objetivos	09
2. REVISÃO DE LITERATURA.....	11
2.1 Histórico do local de implementação do projeto.....	14
2.2 Fundamentação teórica.....	18
2. 3 As condições históricas e políticas que permeiam o contexto dos professores.....	19
2.4 Estudos da indisciplina.....	20
2.5 Conceito de classe indisciplinada.....	22
2.6 Quando a indisciplina torna-se violência.....	24
2.7 Os percalços na ambiência escolar.....	25
2.8 Ausência de limites e a função da família.....	26
2.9 Saúde do educador.....	27
3 A gestão efetivamente democrática.....	28
3.1 O projeto político pedagógico articulado com a gestão democrática.....	30
3.2 Reflexão sobre o aluno.....	32
3.3 Reflexão sobre a didática.....	33
3.4 Reflexão sobre as condições de vida dos alunos.....	34
4 METODOLOGIA.....	37
5 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS DA IMPLEMENTAÇÃO.....	41
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	53
REFERÊNCIAS.....	55
ANEXOS.....	57

1 INTRODUÇÃO

O trabalho enfocou a relação entre a indisciplina dos alunos e o stress dos educadores, procurando compreender os embates que há nas relações interpessoais e as condições de trabalho dos educadores, bem como propôs solução para a superação deste quadro mediante uma gestão verdadeiramente democrática no qual envolva um debate entre os funcionários da escola com os familiares, objetivando trazer maior esclarecimento sobre assuntos que afetam o espaço pedagógico e que perpassam o processo de ensino-aprendizagem.

O problema seria que na atualidade a educação vem atravessando uma crise, no qual alguns conceitos sejam na gestão da escola quanto na função da mesma e da família deve ser repensado com urgência na medida em que há diversos conflitos no espaço pedagógico entre educador e educandos, o que compromete a qualidade no ensino e no processo de ensino-aprendizagem acarretando no afastamento de alguns docentes da ambiência escolar.

A família na atualidade ignora a sua responsabilidade e delega à escola a incumbência de educar e transmitir valores para seus filhos o que por sua vez, acarreta em indisciplina impossibilitando em algumas circunstâncias a função da escola e do professor que é a transmissão dos conhecimentos científicos distribuídos nas disciplinas. Neste sentido, a que norteou este projeto foi: Qual é de fato a função da família, da escola e do educador?. Propôs-se a gestão democrática objetivando um comprometimento dos pais e dos alunos com a educação e com seu futuro profissional.

A hipótese é que na ambiência escolar a relação interpessoal entre educador e educando é marcada por litígios como indisciplina, bullying, assédio moral, etc, pois para a maioria dos alunos e dos seus familiares a educação não é tida como um valor e tampouco como uma possibilidade de ascensão social. Nesse sentido como há uma inversão de valores na sociedade, no qual a família delega para a escola a responsabilidade de transmitir valores, é necessário repensar com urgência qual é de fato a função da escola e da família, compreendendo que para uma melhor qualidade na relação interpessoal entre educadores e educandos é indispensável uma gestão democrática que fomente a participação da comunidade escolar.

O objetivo geral seria compreender qual é de fato a função da escola e da família visando a redução da indisciplina e do afastamento dos educadores.

Este trabalho justificou-se por produzir um debate ou subsídios a reflexão dos educadores sobre a prática docente no que diz respeito à edificação de uma relação saudável e ética entre educador e educando, assim como visou levar a família a participar mais da escola objetivando acompanhar o desempenho dos seus filhos, o que irá por consequência atenuar os problemas que há no processo de ensino-aprendizagem.

1.1 OBJETIVOS

1.1.2 Objetivo Geral:

Sensibilizar o papel da escola, do professor, do aluno e família, conduzindo-os a compreenderem que a indisciplina é um obstáculo a aprendizagem, o que acarreta em stress e outras doenças para os profissionais da educação e por efeito em afastamento do trabalho.

1.3.2 Objetivos específicos:

Levar os educandos a internalizarem que a falta de comprometimento com a educação, tem gerado tensões na relação com os educadores, o que por sua vez afeta a sua saúde física e mental e em baixa produtividade no processo de ensino e aprendizagem.

Conduzir os alunos a entenderem que a carga excessiva de trabalho tem levado os educadores a adoecerem, o que compromete a qualidade do ensino.

Explicar os fatores que geram embates entre educador e educando; entender os motivos que geram a indisciplina dos alunos; e os fatores que geram a desestrutura familiar e a distância da família da escola.

Explicar as condições de trabalho dos educadores das escolas públicas e os sintomas psicológicos e físicos derivados do Stress que fustigam o afastamento dos professores.

Reduzir a indisciplina no contexto escolar com vistas à produção de conhecimentos e de experiências significativas no espaço pedagógico

Levar os educandos a produzirem um vídeo sobre a indisciplina, suas origens, situações, consequências no qual eles seriam os protagonistas, representando inclusive o professor e o seu estado perante tal problemática.

2 REVISÃO DE LITERATURA:

Irei recorrer ao autor Fonseca (2003) para compreender as condições de trabalho do educador da escola pública; no que diz respeito à indisciplina escolar irei recorrer ao autor Alvarez que enfocou na revista educação a temática: A convivência escolar e seus conflitos; para ampliar a reflexão sobre a indisciplina, a função da escola e da família irei recorrer ao autor Nogueira; ao autor Milton Santos e ao Pedrinho Guareschi. Em relação à gestão democrática irei recorrer ao estudo de Heron Laiber Bonadiman e ao estudo de Gadotti e Romão.

Pretende-se também recorrer a disciplina de História e Sociologia na questão de contribuir para a diminuição da indisciplina no espaço pedagógico e para a busca de soluções inerente a desestrutura familiar que afeta o desempenho dos estudantes e os estimulam a serem indisciplinados. Além disso, pretende-se abordar um tópico intitulado “relações familiares x saúde”.

O stress dos educadores é uma situação-problema, em virtude de que muitos educadores tem se afastado da docência por diversos motivos entre eles o stress. Essa questão esta vinculado a precarização das condições de trabalho, o excesso de trabalho, a superlotação das salas de aulas, a baixos salários, a falta de uma hora-atividade condizente com a carga horária de trabalho, a falta de lazer, a falta de atividades físicas etc. A profissão do educador é complexa, pois exige um preparo prévio, ou seja, requer leituras e muita dedicação fora do horário de trabalho, e infelizmente o salário atual não recompensa esse esforço, o que gera stress e outras doenças.

Observa-se que atualmente vivemos numa patologia social, refletida na crise que atravessam as instituições e esferas sociais, sobretudo na cosmovisão de educação e da escola além de os desafios alarmantes e paradoxais que impõe tanto ao universo escolar quanto a prática docente.

Fonseca (2003) comenta que para operar uma transformação no ensino visando uma melhoria tem que primar pela formação e a atuação dos profissionais com o intuito de projetos que melhorem a qualidade pedagógica dos professores contemplando ao mesmo tempo a formação inicial (cursos de licenciatura); formação contínua (cursos, treinamentos em serviços, assessorias etc); condições de trabalho (materiais, carga horária, salário) e regulamentação da carreira.

Para se conseguir tais mudanças é necessário o aparato institucional e burocrático fornecer recursos para a escola quanto para professores visando motivá-los a se atualizar constantemente por meio de salários condizentes e dignos a representação da profissão para não encaminhar segundo o professor J. M Esteve no estado do mal-estar docente refletindo em baixo rendimento e produtividade no exercício pedagógico. Esse mal estar que pode ser refletido em stress ou outros tipos de doença ocorre, pois o educador em início de carreira se vê condicionado a ter que fechar a carga horária máxima de trabalho para poder ter um salário razoável, pois se porventura assume poucas aulas o salário é ínfimo. Por outro lado, ao assumir muitas aulas em escolas diversas e séries diferenciadas, como a horatividade não é suficiente para preparar aulas, buscar formação continuada, corrigir trabalhos, elaborar provas, etc, isso gera uma sobrecarga de tarefas resultando num desgaste físico e emocional, o que leva ao stress e ao afastamento do trabalho.

Os projetos na educação devem estimar uma formação sólida do educador enquanto sujeito que não domina somente o processo de construção do conhecimento histórico, porém um conjunto de saberes e mecanismos que viabilizam a socialização desse conhecimento no interior das escolas.

Além do mais, o investimento do Estado nas condições de trabalho iria repercutir de forma automática numa maior qualidade de vida para os docentes e discentes gerando satisfação, incentivo e uma aprendizagem de fato significativa. Se houvesse um investimento maciço do Estado na formação inicial dos professores, assim como na estrutura física das escolas, tendo por sala 20 alunos no máximo, logo iria ocorrer uma mudança qualitativa no processo de ensino-aprendizagem, oportunizando a ampliação de potencialidades e uma avaliação individualizada das aptidões e talentos de cada discente.

A indisciplina dos educandos é um dos maiores problemas que os educadores enfrentam no espaço pedagógico. A educação atual acaba sendo terceirizada, no sentido de que os pais não mais educam seus filhos, mas transferem a responsabilidade para as babas ou para a escola. O aluno é um reflexo dos seus pais, que muitas vezes são omissos e não acompanham o processo educacional dos seus filhos. Isto é, a indisciplina está indiretamente relacionada com a desestrutura familiar, visto que a falta de responsabilidade e controle da família sobre o jovem afeta toda a sociedade. No caso da educação muitos alunos frequentam o espaço escolar somente pela merenda ou pela socialização (em busca de amizades e

vínculos amorosos). A concepção de família se alterou de forma drástica, há muito pai ou mãe solteira que educam seus filhos sozinhos e isso afeta diretamente no desempenho escolar dos mesmos. Há uma crise da família nuclear e podemos dizer que no Brasil as famílias seguem a tendência de dividir a autoridade entre pai e mãe. A falta de estrutura afeta diretamente o aluno que muitas vezes não tem incentivo em casa para seguir nos estudos ou devido o fato de ter que ajudar na renda da família acaba também abandonando os estudos ou reprovando.

Outra questão a se repensar é que o espírito democrático vem concedendo mais direitos do que deveres para as pessoas, e muitas vezes no espaço pedagógico o aluno se sente no direito de questionar constantemente a autoridade dos professores, seu método e sua didática, o que o leva a ignorar o seu papel de aluno.

Outro fator que pode gerar indisciplina é a violência urbana que afeta o cotidiano dos jovens ou a violência estrutural gerada pelo sistema capitalista sobre a vida dos sujeitos. Segundo o geógrafo Milton Santos a competitividade, sugerida pela produção e consumo, são fontes de novos totalitarismos, sendo aceitas devido à confusão dos espíritos e as percepções fragmentadas que permeiam as visões e as ideias das pessoas. Esse totalitarismo se reflete nas relações sociais, tornando o Estado, as instituições e os indivíduos embrutecidos e selvagens e com isso as pessoas se sentem desamparadas, e por efeito adotam e se adaptam dançando conforme a música imposta pelas elites, reproduzindo no seu dia-a-dia o mesmo tratamento que recebe.

Examina-se que a disciplina não implica no aluno ser obediente e passivo, pelo contrário implica no aluno participativo, que se envolva em problemas do seu bairro e que possa dialogar e interagir com os colegas no espaço pedagógico. A disciplina pode estar vinculada a formação de um cidadão crítico e engajado, comprometido com uma educação de qualidade e com os destinos da sua cidade e país. Ademais, outro fator que pode gerar indisciplina, segundo Bourdieu se refere ao papel da escola na reprodução das desigualdades sociais:

A escola, na perspectiva dele, não seria uma instituição imparcial que, simplesmente, seleciona os mais talentosos a partir de critérios objetivos. Bourdieu questiona frontalmente a neutralidade da escola e do conhecimento escolar, argumentando que o que essa instituição

representa e cobra dos alunos são, basicamente, os gostos, as crenças, as posturas e os valores dos grupos dominantes, dissimuladamente apresentados como cultura universal. A escola teria, assim, um papel ativo – ao definir seu currículo, seus métodos de ensino e suas formas de avaliação – no processo social de reprodução das desigualdades sociais. Mais do que isso, ela cumpriria o papel fundamental de legitimação dessas desigualdades, ao dissimular as bases sociais destas, convertendo-as em diferenças acadêmicas e cognitivas, relacionadas aos méritos e dons individuais. (NOGUEIRA, 2002).

Em suma, a indisciplina está indiretamente relacionada com a desestrutura familiar e com a violência urbana ou estrutural gerada pelo sistema capitalista. Ademais a lógica do vestibular e da meritocracia, pode gerar indisciplina, pois nem todos os alunos têm uma formação de base ofertada pelas famílias e percebe-se que na escola ao não se obter boas notas e um desempenho excepcional, o aluno “mediocre” pode se sentir excluído, em virtude de que há uma comparação excessiva entre os educandos no espaço pedagógico e muitas vezes não se respeita o limite de cada aluno e o seu ritmo de desenvolvimento, ocasionando outros conflitos nas relações interpessoais.

2. 1 Histórico do local da implementação do Projeto.

O referido projeto será implementado no colégio estadual Jorge Schimmelpfeng. A princípio, o Colégio começou suas atividades com autorização de funcionamento no ano de 1989 – Resolução nº 4.017/88, conforme Diário Oficial Estadual do dia 05/01/89, porém só foi reconhecida a Escola e o curso conforme Diário Oficial Estadual (DOE) de 18/11/92, através da Resolução 3.713/92.

A partir de 2005 a Escola Estadual Jorge Schimmelpfeng – Ensino Fundamental passou a denominar-se Colégio Estadual Jorge Schimmelpfeng Ensino Fundamental e Médio, conforme Resolução nº 473/2005 – DOE de 23/02/2005.

Modalidade ofertada: Ensino Fundamental, Ensino Médio e a partir do ano de 2010 passou a ofertar para a comunidade também o profissionalizante (Técnico em Enfermagem, Agente Comunitário de Saúde)

O Colégio Estadual Jorge Schimmelpfeng – Ensino Fundamental e Médio encontra-se hoje situado à Avenida Por do Sol, nº 1855, Conjunto Libra IV. A

princípio, o Colégio começou suas atividades com autorização de funcionamento no ano de 1989 – Resolução nº 4.017/88, conforme Diário Oficial Estadual do dia 05/01/89, porém só foi reconhecida a Escola e o curso conforme Diário Oficial Estadual (DOE) de 18/11/92, através da Resolução 3.713/92. Neste período a Escola funcionou no prédio da Escola Municipal Antônio Gonçalves Dias, situada à Rua Purus, nº 234 no Bairro Campos do Iguaçu, tendo como 1ª diretora a professora Maria Flores Silveiro Martins e 1ª secretária, Rosângela Martins Gonçalves.

Oficialmente a inauguração do novo prédio com endereço acima citado, aconteceu no dia 05 de março de 1998 com a presença dos Secretários de Estado, Deputados Estaduais, Bispo Diocesano, comunidade do Bairro, alunos, professores, chefe do Núcleo Regional de Educação, Prefeito Municipal, vereadores e outras autoridades.

A origem do nome da Escola foi em homenagem ao 1º Prefeito da cidade de Foz do Iguaçu.

Foi nomeada pelo NRE, para a função de diretora, a professora Maria da Conceição Marques Carvalho, que ocupou o cargo no período de janeiro a maio de 1998. Através de eleições diretas, em abril do mesmo ano, foi eleita a professora Nilma Wernke, que assumiu a Direção no dia 05 de Maio do corrente ano, com término em Dezembro de 2000.

A seguinte diretoria, eleita pela comunidade escolar, foi às professoras Maria Marlene Donatani da Silva e Nilva Reffatti Maffini, que ocuparam os cargos no período compreendido entre 2001 e 2003.

A partir de 2003 a direção contou com as professoras Ana Leomar Donida Luciane Araújo Piovesan e Kátia B. Smaha de Souza, eleitas no ano de 2003, reeleitas em 2008 com gestão até Dezembro de 2011.

Atualmente, a Direção conta com a professora Rosangela Maria Cardoso Duarte e auxiliares professor José Barbosa de Oliveira Junior e professora Célia Inês Vicentin Burdin, eleitos no ano de 2011 com gestão até Dezembro de 2014.

A partir de 2005 a Escola Estadual Jorge Schimmelpfeng – Ensino Fundamental passou a denominar se Colégio Estadual Jorge Schimmelpfeng – Ensino Fundamental e Médio, conforme Resolução nº 473/2005 – DOE de 23/02/2005.

Devido à necessidade apresentada pela comunidade, se fez necessário a ampliação de quatro turmas do Ensino Médio, e o curso técnico profissionalizante.

Em relação à comunidade escolar a cidade de Foz do Iguaçu passou nas últimas décadas por diversas transformações. Com a inauguração da Ponte Internacional da amizade (Brasil e Paraguai), ligando Foz do Iguaçu a Curitiba e ao litoral em 1969, Foz do Iguaçu teve seu crescimento acelerado, aumentando o comércio com a cidade Ciudad del Este no Paraguai. Com o início da construção da usina hidrelétrica de Itaipu, na década de 1970, toda a região sofreu um impacto muito grande e o contingente populacional aumentou consideravelmente, havendo um crescimento de 385% na população.

Essas pessoas que vieram morar em Foz do Iguaçu são oriundas de diversos países, e regiões do Brasil. Com isso, Foz do Iguaçu se torna uma das cidades multiculturais do Brasil.

Devido o crescimento ocorrer aceleradamente, sem um planejamento, iniciou se uma série de problemas sociais como: moradias em locais inadequados, sem infraestrutura, e saneamento básico. A falta de empregos levou uma parte das pessoas a envolver se com a circulação de mercadorias contrabandeadas, drogas e armas no país.

Esses problemas se refletem na escola, pois se tem alunos que são filhos de pessoas envolvidas com o tráfico de drogas, contrabando e encontram se presas. Outros fazem parte de um grupo de pessoas que trabalham o dia todo, não sendo possível acompanhar o desenvolvimento escolar de seus filhos.

A renda familiar dos alunos matriculados em sua maioria ganham entre um a três salários mínimos.

A comunidade escolar atendida é composta por 75% de educandos advindos de famílias humildes, trabalhadores de diversos setores do turismo: camareira, recepcionistas, faxineiras, domésticas, funcionários de lojas do Paraguai e uma parcela de trabalhadores informais: sacoleiros, vendedores ambulantes, catadores de lixo para reciclagem.

Na escola há alunos do Ensino Médio e Profissionalizante de Enfermagem que trabalham durante o dia como estagiários. Os 25% restantes, são alunos de classe média que estudam durante o dia, e tem condições financeiras favoráveis em relação aos demais, pois contam com uma pessoa, no qual não são os pais, e sim um funcionário que os ajudam. Esses alunos são filhos de advogados, funcionários públicos, gerentes de empresas, entre outros.

Nem todos os alunos pertencem à famílias com pais e mães que tem recursos suficientes para uma vida digna. Normalmente, verificam se situações diversas: pais que estão separados, alunos órfãos, alunos que vivem num lar desunido, alunos que vivem com algum parente, alunos que vivem com algum dos pais, etc. O que muitas vezes geram tensões e conflitos para o adolescente que se depara com duas realidades diferentes: de um lado, a família desestruturada e de outro, a escola que exige cumprimento de normas.

Há no entorno escolar a necessidade de uma participação mais efetiva dos pais ou responsáveis no acompanhamento da vida escolar dos discentes.

Sendo assim, todos os esforços despendidos para uma melhoria da qualidade de vida dos profissionais do colégio, vem sendo de buscar meios de melhorar o desempenho escolar dos alunos, desenvolvendo reuniões de pais e retratando os principais problemas detectados na sala de aula como: indisciplina falta de compromisso com estudos (não fazer tarefas, trabalhos, faltar dias de avaliações, chegar atrasado).

Nas reuniões são desenvolvidos debates e reflexões, apontando aos pais, meios para acompanhar o desenvolvimento da aprendizagem dos alunos como: verificar o horário das aulas, estabelecer um horário para os estudos, exigir dos filhos o comparecimento quando encaminhado a sala de apoio, entre outros.

No colégio são ofertadas nas aulas de Língua Portuguesa, leitura de obras literárias com o objetivo de criar o hábito de leituras favorecendo a cultura e a satisfação do ser humano como sujeitos inseridos e que se reconheça na sociedade.

Foram implementados projetos simulados buscando preparar os alunos para a prova Brasil, vestibulares e ENEM. São selecionados os conteúdos pelos professores e equipe pedagógica, tendo como materiais de apoio, provas de vestibulares anteriores, provas do ENEM, e os materiais da prova Brasil encaminhados pelo governo.

Após as correções das avaliações, são tabulados os dados com o objetivo de trabalhar as principais dificuldades dos alunos.

O Colégio procura proporcionar um espaço de educação para todos e de conhecimento científico, no entanto, devido à escola fazer parte de uma sociedade com diversos conflitos, violência, desemprego, desestrutura familiar, que influenciam no desempenho do aluno, ainda encontramos dificuldades de atingir uma educação de qualidade para todos.

Os Educandos deste Colégio são alunos do Ensino Fundamental, Médio, Técnico em Enfermagem e Agente Comunitário de Saúde.

Fase 2.2: Fundamentação teórica

Antes de analisar a atuação de um professor tem que se pautar primeiramente sobre o contexto do professor que se pretende investigar, isto é, considerar em primeira instância os condicionantes políticos, sociais, econômicos e culturais de um determinado momento histórico que influi sobre a conduta, a prática e as concepções do educador e ao mesmo tempo analisar a intervenção desse educador nos rumos da educação.

Percebe-se que, guardadas as devidas proporções, a prática do profissional é condicionada pela estrutura e pelo sistema em que esta imbuído, isto é, o profissional tem muito pouca hora-atividade para poder preparar as aulas e poder buscar a formação continuada no sentido de pesquisar e de se dedicar a leituras de diversas fontes, ou seja, além de não ter tempo para obter um conhecimento completo sobre a sua área, tampouco sobra tempo para ele conhecer outras áreas; como o mercado de trabalho objetiva a diminuição de custos e a redução de gastos, o profissional da educação muitas vezes se sente impulsionado a ter que trabalhar em várias escolas e a ter várias turmas, na medida em que o salário é insuficiente para manter um padrão de vida digno e de buscar qualidade de vida, nesse sentido a qualidade das aulas automaticamente cai em virtude de que o preparo prévio sobre tal assunto é dificultado pelas condições de trabalho; outro problema do cotidiano escolar é o fato de as salas comportarem de 30 a 50 alunos ou mais dependendo do colégio, isso limita a prática docente, em virtude de que não se tem o tempo suficiente ou adequado para poder fazer um diagnóstico profundo e preciso sobre as condições de aprendizagens dos alunos, no aspecto de investigar a forma como os alunos aprendem o conteúdo, qual o seu ritmo de aprendizagem, quais seus limites, qual a concepção do aluno sobre a sociedade, sobre a escola, sobre o mundo e sobre o mercado de trabalho, enfim qual é o perfil real e concreto dos alunos; outro problema visível é a falta de diálogo e comunicação com a equipe pedagógica e diretiva, ou seja, o trabalho que a princípio é coletivo na ambiência escolar é tido como individualizado, pois o educador não tem uma orientação

apropriada dos pedagogos nas questões técnicas e administrativas da organização da escola.

Evidentemente que esses problemas relatados não devem servir como subterfúgio para o professor não buscar desenvolver o seu trabalho da melhor forma possível, no entanto, verifica-se que as próprias condições de trabalho reduzem a autonomia dos professores, impelindo os mesmos a se omitirem e se negligenciarem em alguns aspectos na sala de aula ou na sua participação durante o processo educacional.

Essa forma que esta dada as condições de trabalho e de aprendizagem esta bem ao gosto das políticas neoliberais que cobra resultados além do que oferece para os professores e nesse aspecto culpabiliza os indivíduos pelo fracasso profissional ao invés de ofertar as condições subjetivas e objetivas de melhor inserção e autonomia no espaço pedagógico.

2.3 As condições históricas e políticas que permeiam o contexto dos professores.

Observa-se que atualmente vivemos numa patologia social, refletida na crise que atravessam as instituições e esferas sociais, sobretudo na cosmovisão de educação e da escola além de os desafios alarmantes e paradoxais que impõe tanto ao universo escolar quanto a prática docente.

Urge que os profissionais de educação devem refletir sobre problemáticas tais como: “o fato de as instituições formadoras não buscar ou não conseguir romper com a dicotomia teoria/prática; com a desarticulação entre a preparação em história e a preparação pedagógica; e com a separação ensino/pesquisa, existentes no interior dos próprios cursos de licenciatura e entre licenciaturas e bacharelados” (FONSECA, 2003, p. 73).

Fonseca (2003) comenta que para operar uma transformação no ensino visando uma melhoria tem que primar pela formação e a atuação dos profissionais com o intuito de projetos que melhorem a qualidade pedagógica dos professores contemplando ao mesmo tempo a formação inicial (cursos de licenciatura); formação contínua (cursos, treinamentos em serviços, assessorias etc); condições de trabalho (materiais, carga horária, salário) e regulamentação da carreira.

Para se conseguir tais mudanças é necessário o aparato institucional e burocrático fornecer recursos para a escola quanto para professores visando motivá-los a se atualizar constantemente por meio de salários condizentes e dignos a representação da profissão para não encaminhar segundo o professor J. M Esteve no estado do mal-estar docente refletindo em baixo rendimento e produtividade no exercício pedagógico. Esses projetos devem estimar o historiador-educador ou o professor de história como sujeito que não domina somente o processo de construção do conhecimento histórico, porém um conjunto de saberes e mecanismos que viabilizam a socialização desse conhecimento no interior das escolas.

Fonseca (2003) diz “A idéia de que para ser professor de história, ou melhor um “bom professor de história” é necessário apenas saber história já foi ultrapassada. Hoje, busca-se a superação da dicotomia forma/conteúdo, uma vez que não é possível conceber uma metodologia de ensino deslocada de produção de conhecimento específico. Logo, o que se busca é a compreensão da totalidade do ato de conhecer. Saber alguma coisa não é mais suficiente para o ensino, é preciso saber ensinar e construir condições concretas para seu exercício (Fonseca, 2003, p.77).

Em vista dos argumentos apresentados, nas escolas predomina um método conservador no qual o aluno é um mero elemento passivo na produção do conhecimento onde o educador ocupa o papel central ao depositar um monte de informações aos alunos ao invés de ambos numa relação horizontal como sujeitos ativos do processo, construir o conhecimento e produzir experiências de aprendizagens significativas, duradouras e permanentes.

2.4 Estudos da indisciplina

Atualmente podemos encontrar um grande número de pesquisas realizadas por diversos autores sobre a indisciplina, fenômeno este que tem gerado grande polêmica e discussão entre educadores do mundo todo, Antunes cita que “a questão da disciplina e indisciplina em sala de aula é uma das questões mais alarmantes na educação brasileira e de uns tempos para cá tem se transformado no tema mais debatido, mais discutido e mais solicitado para palestras”.

Cita ainda o mesmo autor que a indisciplina não diz respeito a uma faixa etária exata, pode ocorrer em todas as fases do ensino, desde as séries iniciais até o ensino superior, podendo se manifestar de várias formas, levando o professor a um estado de dúvida, se reprime, coíbe ou se é tolerante a ponto de deixar que a indisciplina comprometa o bom andamento das aulas e conteúdos a ministrar. Para Antunes existe a indisciplina quando

A ação do aluno impeça a escola de concretizar os objetivos cruciais de sua existência, das razões primeiras pelas quais a escola existe, e em segundo lugar quando esta conversa perturba e afeta o alcance da objetividade do currículo a ser desenvolvido. Antunes (DVD. Atta mídia e educação).

Tais conversas podem ser cruciais e decisivas, comprometendo o avanço, Vasconcellos apresenta que:

[...] grande parte do tempo da aula é usado pelo professor para articular “estratégias de sobrevivência” (artifícios que o professor recorre para tentar dar conta da tarefa educativa: chamar a atenção de alunos, dar “sermão” na classe, elogiar a turma para ver se os “ganha” para o trabalho, fazer o trabalho de grupo para “ocupar” os alunos e poder “respirar” um pouco, pedir para prestar atenção, ameaçar, gritar, pedir silêncio, etc.), ao invés de estar interagindo construtivamente com o conhecimento e com os alunos. (Vasconcellos, 2002, p. 33).

Com toda esta dedicação feita pelos professores na tentativa de acalmar a classe prevendo um bom rendimento nas aulas, perde-se muito tempo e este tempo segundo Vasconcellos, deveria ser usado para a interação entre alunos e professores visando a exploração dos conteúdos.

Antunes caracteriza a indisciplina em focos sendo este o princípio gerador de indisciplina: Escola, Professor, Aluno e Família. A escola gera indisciplina quando não existe transparência sobre sua essência, o que é ou não permitido existindo clareza das normas e a exemplo disso uma boa organização institucional, os professores tem objetividade nas suas atitudes, normas bem definidas, de acordo com a faixa etária dos alunos e seu contexto. O professor tem pontualidade, horário, cumpre com o prometido, entrega de exercícios na data programada, executada o

planejamento, a lousa está sendo usada de forma correta, seu olhar está voltado para “um” aluno na explicação, faz do erro um instrumento de minimização da autoestima. Ainda o mesmo autor cita que o professor dentro da instituição educacional

[...] precisa passar por um processo de identidade padronizadora, se ele for inerente a um ou outro professor, se terá aquilo que é muito frequente, a indisciplina localizada nesta ou naquela aula, neste ou naquele professor. Portanto é muito importante que a escola reflita se alguns fundamentos na ação do professor estão sendo colocados e exercidos (DVD. Atta mídia e educação).

Conforme coloca o mesmo autor, se tratando do aluno na sua conduta em sala, ele segue a maneira correta das regras coletivamente discutidas onde o professor não abre mão de alguns pontos, porém em exceções permite que os alunos avaliem a situação e participem da escolha pelo mais adequado. O aluno precisa sentir-se destacado na sua individualidade, olhos nos olhos, chamar pelo nome. O professor pode chamar para conversar não somente pela bronca, mas para elogios merecidos, deve ser tratado e respeitado como gente. O papel família: Os pais devem ter a compreensão e clareza de que a educação é única, a família deve participar num processo indissociável de educação, no ato da matrícula deve-se exigir a participação na escola.

Conforme Antunes cita acima o papel da Família é assegurando e previsto que as crianças e aos adolescentes, tanto na Constituição Federal (artigo 227, CF/88) como no Estatuto da Criança e do Adolescente (Artigo 4º da Lei 8.069/90) preveem que a família, a sociedade e o Estado devem assegurar os direitos fundamentais desses sujeitos, e aí se inclui a educação, com absoluta prioridade.

Conforme Antunes, identificar os focos, descobrir o que mais vem gerando indisciplina no ambiente escolar ajuda a prevenir e possivelmente solucionar tais conflitos com maior agilidade, evitando problemas posteriores inerentes ao comportamento indisciplinado.

2.5 Conceito de classe indisciplinada

No século passado os filhos foram sujeitos de uma educação onde tinham que sentar-se, preferencialmente ao chão para as refeições, não podiam opinar nas conversas e decisões, enfim, a criança não tinha vez nem direitos, mal podia abrir a boca. Nos dias atuais, o que mais se observa nas crianças é a naturalidade de expressão, falam, expõem seus desejos e interagem com os pais e a sociedade num todo, na escola não poderia ser diferente, conversam e fazem amigos, descobrem afinidade, etc. O perigo assola quando tal conversa pode ser conceituada como indisciplina pelos educadores. Antunes (2006, p. 9) conceitua como indisciplina a classe que não permite ao professor o desenvolvimento do processo no auxílio na construção do conhecimento do aluno, não dá condições para que o professor possa despertar em seus alunos suas reais potencialidades para exercitar seu papel como cidadão e não permite a realização de um trabalho de estímulo às habilidades individuais e experiências para a formação de atitudes sociais aceitas em seus alunos.

Para Antunes, uma sala de aula onde os alunos conversam não pode ser diagnosticada como uma turma indisciplinada, pois a conversa quando bem intermediada pelo professor pode e deve ser utilizada como instrumento de aprendizagem, fazendo com que esses alunos expressem suas ideias, gostos, desgostos, tristezas, sentimentos, emoções, opiniões, sugestões e ideias. Observe a importância da fala no trecho a seguir citado por Antunes:

Se seus alunos conversam, isto é bom. Saiba fazer dessa notável qualidade humana uma “ferramenta” de ensino. Use a conversa do aluno, que é o que ele tem de mais valioso em sua vida, como instrumento de um trabalho pedagógico essencial. Converse com seus alunos e deixe os alunos conversarem entre si. Aprenda a ser um administrador de conversar, expositor de desafios, instigador de perguntas. Antunes (2006, p. 14).

Contudo, cabe ao professor saber administrar o que existe de melhor nos alunos, a seu favor, desenvolvendo potencialidades e despertando interesses a partir do que já existe claro que tal trabalho deve ser associado a regras e postura profissional a fim de que a educação esteja sendo desenvolvida de forma sistematizada, e oferece aos educandos verdadeiras fontes de saber e autocontrole.

2.6 – Quando a indisciplina torna-se violência

Com frequência observam-se registros e divulgações em telejornais sobre a indisciplina, violência escolar. Segundo Colombier (1989, p. 17) “a violência que as crianças e os adolescentes exercem, é antes de tudo, a que o seu meio exerce sobre eles”. Ou seja, se tais crianças vivem num ambiente violento, pais que se agredem fisicamente e verbalmente, hostis, que não respeitam o próximo e seus direitos, tem colegas violentos, na escola estes alunos numa probabilidade grande se apresentaram sem limites, agressores e rebeldes.

Contudo este fato está relacionado a causas sociológicas, políticas ou psicológicas. Conforme Colombier, segue algumas das violências praticadas pelos alunos, sendo crianças, pré-adolescentes e adolescentes, em ambiente escolar:

Mesas riscadas com canivete, desmontadas, cadeiras quebradas, piso danificado, as paredes rabiscadas, (...) buracos nas portas, por causa de violentos pontapés, fechaduras entupidas com chicletes, com cola ou quebradas. (...) privadas entupidas. Pias entupidas propositalmente para provocar uma inundação. Materiais são roubados, livros são rasgados, vidros quebrados. (COLOMBIER, 1989, p. 21).

Contudo Colombier apresenta que a violência não se limita aos objetos e às instalações físicas, os alunos se agredem entre si, se ameaçam, agredem aos professores, dentro e fora da escola gerando um grande conflito social, que a cada dia se mostra mais forte perante a sociedade, principalmente porque os diretores, supervisores, inspetores e professores, muitas vezes nada conseguem mudar perante esta situação. Os casos ainda muito críticos, são o dos jovens que se reprimem sua agressividade, os silenciosos, que voltam agressividade para si próprios, causando ferimentos pelo corpo, mais ou menos acidentalmente: cortes, queimaduras, fraturas diversas. As doenças crônicas de alguns são sinais de seu mal-estar.

Os fatos apresentados atestam a incapacidade do Estado, da sociedade como um todo, constatando que somos todos os reféns de um sistema que manipula e corroe e que estas manifestações são apenas reflexos das falhas deste sistema,

assim sendo estes alunos indisciplinados são vítimas do sistema, dos pais, da escola, etc.

O que nos resta saber é até quando esta realidade permanecerá, aonde chegará tais violências, certamente até que alguém resolva se interessa profundamente e palpado em grande estudo, paciência e vocação consiga reverter esta situação e dar um novo sentido a este “sistema” o qual estamos inseridos.

2.7. OS PERCALÇOS NA AMBIÊNCIA ESCOLAR

Segundo Zagury, em pesquisa realizada com abrangência em Ensino Fundamental e Ensino Médio, através de entrevista com professores de 42 cidades em 22 estados, observou-se que a maior dificuldade do professor hoje é manter disciplina em sala assumindo um total de 22%, o segundo maior problema é a falta de motivação dos mesmos com 21% dos dados. Conforme Zagury:

[...] a disciplina em sala de aula é hoje o maior problema, seguido de muito perto pela falta de motivação. Não se pode dissociar um do outro – aliás, é quase impossível afirmar quem é a causa e quem é a consequência. Em geral, o aluno se torna indisciplinado quando para de aprender. Ou está desmotivado e por isso se torna indisciplinado. Portanto podemos considerar que, se ambos forem solucionados, quase metade dos problemas do professor estariam resolvidos (2006, p. 84).

Estes dois motivos estão associados ao ponto que se um aluno não tem motivação não irá conseguir concentrar-se, supostamente não terá atenção suficiente para produzir conforme o mínimo exigido. O aluno vem até a escola para aprender, se ao estar presente não consegue ver formas de aprender algo novo e interessante, ele entrará em conflito com o meio desmotivando-se, tornando-se indisciplinado.

Sendo estas as maiores dificuldades do professor em sala durante as aulas, solucionados estes problemas o professor teria mais facilidade em ministrar boas aulas e melhores rendimentos, porém este problema é muito agravante e fugiu do controle não cabendo somente a ele esta solução, pois envolve personagens sociais que vão muito além da escola.

2.8 – A ausência de limites e a função da família

Conforme estudos realizados por Zagury na sequência se observam dados inerentes ao comportamento dos alunos em sala, estes apresentam dispersos e sem interesse, muitas podem ser as causas que levam a estes estados, analisando as causas da indisciplina, percebe-se que apontam para a mesma direção:

Manter a disciplina em sala	Total%
Os alunos não têm limite / são rebeldes / agressivos / faltam com respeito.	44
Falta de educação familiar / liberdade familiar / falta de educação.	19
Falta de compromisso / interesse / apoio / da família.	11
Excesso de alunos em salas de aula / salas superlotadas	9
Falta de interesse / motivação / dos alunos / alunos dispersos	6
Os alunos fazem o que querem em casa	4
O papel da família foi totalmente substituído pela escola	4
Desestruturação familiar	4
A motivação fora de sala de aula é maior (comunicação, jogos, internet, esportes, mídia).	3
Turmas heterogêneas diferenciadas.	3
A educação mudou / hoje em dia o professor não pode nada / falta de autoridade do professor / “traumatiza” o aluno.	3
Falta a presença da família na escola.	3
Hoje em dia há uma inversão de valores.	3
Falta de atitudes mais enérgicas por parte da escola / escola muito aberta.	2
Insegurança do professor.	2
A desvalorização do professor / da figura do professor.	2
Imaturidade dos alunos	2

Outros	16
Não respondeu	15
Base 257	

Título: Manter a disciplina em sala.

Fonte: ZAGURY (2006, p. 87).

Em suma as três primeiras colocadas resumem-se numa ideia única de que a falta de limites na família tem se refletido com grande força e explosão, ao longo de anos de liberdades excessivas ocorridas no seio familiar, hoje se colhe o fruto de uma geração de filhos cujos pais foram demasiadamente reprimidos na infância e durante anos permitiram que seus filhos vivessem o lado oposto. O reflexo está aí, nas salas de aulas, é o que claramente se observa nesta pesquisa apresentada, total falta de responsabilidade social e pessoal.

Contudo Zagury (2006, p. 89) aponta que “a família abriu mão de seu papel essencial de geradora da ética e de primeira agência socializadora das novas gerações”. Com toda esta falta de limites o rendimento das aulas fica prejudicado afetando diretamente os alunos, que supostamente terão aulas menos enriquecedoras e produtivas do ponto de vista educacional e social. Se o professor não tem autoridade em sala ele perde tempo até organizar e focalizar a atenção dos alunos e com isso perde-se muito tempo e muitas vezes o professor até perde o rumo da linha de pensamento necessária para uma abordagem de conteúdo envolvente.

2.9 - SAÚDE DO EDUCADOR

Constata-se que a Organização Internacional do Trabalho (OIT) discorre que em termos de doença considerada ocupacional – doença adquirida por causa da atividade profissional - , os educadores só perdem para a categoria profissional dos mineiros, contemplando a gastrite, alergia a giz, problemas nas cordas vocais, reumatismo, labirintite, etc.

Examina-se que dados do atendimento médico e hospitalar do Estado de São Paulo apontam que a Secretaria de Educação é, no que tange ao número de

servidores que tem, uma das que mais recorrem a este serviço. Declara Vasconcellos

A neurose e a depressão – ante-salas da loucura clínica – têm afastado, em média, 33 professores, por dia letivo, das salas de aula no Estado de São Paulo, segundo dados compilados pela PRODESP. Nos últimos 15 meses deram entrada 8.868 licenças médicas para tratamento de doenças mentais. Em primeiro lugar vem os neuróticos (6.271), depois os que têm dificuldade de ajustamento (807), seguidos pelas vítimas de stress (599) e finalmente, os depressivos (284). (VASCONCELLOS, 1998, p. 106)

Segundo dados inerentes a Organização Mundial de Saúde (OMS) aconselha que o educador lecione no máximo 20 aulas por semana. Há a recomendação de que poderá trabalhar mais horas, porém não em sala de aula. Todavia, percebe-se no Brasil nos dias hodiernos jornadas de 40 a 60 horas- aulas, em virtude de que se o educador (enquanto provedor da família) trabalhar somente 20 horas aulas, o salário não é suficiente para sanar as necessidades de uma família.

2.10 – A GESTÃO EFETIVAMENTE DEMOCRÁTICA.

A gestão democrática nas escolas públicas visa integrar os envolvidos no processo de ensino-aprendizagem, bem como a equipe diretiva e os demais funcionários da escola. Ou seja, a integração é no sentido de convidar o corpo docente, a equipe pedagógica, os discentes e a comunidade em geral – como a família do aluno, por exemplo – objetivando um comprometimento efetivo com a educação pública. Nesse aspecto a gestão democrática sinaliza para a maior participação de todos os implicados no ensino seja de forma direta ou indireta.

Outra questão é a concessão de espaços para a promoção do diálogo entre os atores educacionais, dentre eles, espaços para mediação de conflitos, onde os envolvidos, sejam alunos e professores, tenham ambiente para falar o que sentem sobre a situação, ouvir, serem ouvidos e entenderem um ao outro. Espaço para comissões e círculo de debates, para levar o corpo docente a problematizar sua prática, visando a melhoria contínua. Nas relações entre a equipe diretiva e o corpo

docente, poderia haver a preservação de práticas horizontais para as trocas de experiências e conhecimentos. Espaço do Conselho Escolar para os pais conversarem e se envolverem cada vez mais na educação de seus filhos.

Estimular os alunos a participarem dos conselhos de classes, de grêmios ou meios que possibilitem a sua expressão e a sua contribuição para a qualidade do ensino, bem como, dar maior peso decisório a esses espaços, como construtores de uma nova escola, tendo em vista que a educação é direcionada para os jovens e estes são os mais habilitados para dizerem o que e como querem aprender. Semelhante ao que uma empresa faz, ela procura saber as necessidades dos clientes para que estes se sintam motivados a adquirir seu produto.

Sendo assim busca-se uma comunicação aberta e transparente entre todos os indivíduos na gestão democrática, em virtude de que a prática democrática é manifestada no ato de conceder voz para todos os sujeitos, independente da sua condição, experiência e status. Ou seja, a relação hierárquica é diminuída, em virtude que há espaços para todos se manifestarem.

A gestão democrática não se manifesta somente na concessão de vagas para todos ingressarem na escola, mas, sobretudo, no interior das escolas brasileiras com ênfase a práticas que visem o diálogo e a cooperação em prol de um objetivo comum que é a melhoria da educação em todos os seus sentidos. Especialmente no aspecto de manter o aluno na escola, apesar dos obstáculos que podem vir a ocorrer no processo de ensino-aprendizagem, como a questão da evasão, da reprovação e da defasagem de idades, o que pode gerar falta de estímulo ou perspectiva para continuar os estudos.

A gestão democrática fomenta aos indivíduos fazerem um balanço da sua teoria e prática, visando uma autocrítica no sentido de propor coletivamente mudanças que possibilitem a responsabilidade de todos como coautores na construção de uma educação e escola para todos os seres humanos.

Observa-se que a gestão democrática requer em primeira instância uma modificação de mentalidade, isto é, renunciar a visão de que a escola pública é somente um aparelho burocrático Estatal e não é tido como uma conquista da comunidade ou um bem da coletividade. Nesse aspecto a gestão democrática possibilita a comunidade em geral e os usuários do colégio a ter uma ação como co-gestores e não somente como fiscalizadores, e tampouco como receptores dos serviços da educação. Com a implantação da gestão democrática, nota-se que há

participação, divisão de responsabilidade e comprometimento concreto de todos os agentes na construção de um ensino qualitativo.

Segundo Gadotti e Romão (1997):

Há pelo menos duas razões que justificam a implantação de um processo de gestão democrática na escola pública: 1ª) A escola deve formar para a cidadania e, para isso, ela deve dar o exemplo. A gestão democrática da escola é um passo importante no aprendizado da democracia. A escola não tem um fim em si mesma. Ela está a serviço da comunidade. Nisso, a gestão democrática da escola está prestando um serviço também à comunidade que a mantém. 2ª) A gestão democrática pode melhorar o que é específico da escola; o seu ensino. A participação na gestão da escola proporcionará um melhor conhecimento do funcionamento da escola e de seus atores; estreitando o contato entre professores e alunos, o que aumentará o conhecimento mútuo e, em conseqüência, a aproximação entre as necessidades dos alunos e os conteúdos ensinados pelos professores.

Com isso verifica-se que a gestão democrática, se desdobra na participação dos agentes em Conselho de Escola ou Colegiado, Grêmios Estudantil, Conselhos de Classe, Assembléias, Comissões, Associações de Pais, Mestres e Funcionários, Conselhos de Controle Social e demais instrumentos que levam a uma gestão participativa, que vai além da presença física nas reuniões que ocorrem nas escolas. Na gestão democrática todos os setores se dialogam e cooperam em virtude de que o método democrático é transparente e acessível para todos os envolvidos no ensino.

2.1 1 O projeto político pedagógico articulado com a gestão democrática

O Projeto Político Pedagógico (PPP) pode ser considerado a política pública mais importante, por ser essencial para cada escola, visto que ele delimita quais são os parâmetros que vão nortear a ação pedagógica, ou seja, o projeto é político exatamente por que toda ação educacional é intencional, ou seja, o educador na sua

prática, métodos e objetivos repassa determinados valores do PPP, bem como do currículo da escola. Além do mais o docente transmite também seus valores e sua visão acerca do mundo, do homem, do conhecimento, da avaliação, da escola, do currículo, da sociedade, da educação etc.

Nesse contexto, percebe-se que o PPP é um instrumento fundamental para o planejamento e a implantação das atividades de um ano escolar, assim como pode materializar os anseios da comunidade visando articular a teoria com a prática. Outro fator é que o PPP fundamenta-se em alguns requisitos centrais como: o desenvolvimento de uma consciência crítica; o comprometimento dos sujeitos seja a comunidade interna e externa ao colégio; a participação e colaboração das várias esferas do governo; e a autonomia, responsabilidade e criatividade como processo e produto do projeto. Ademais o PPP é um processo inconclusivo, pois ele visa constantemente se atualizar e rever as suas diretrizes almejando se articular com um público diverso, heterogêneo e plural. Dentro dessa reflexão:

Não faz sentido buscar definições genéricas de projeto político pedagógico, pois não existem duas escolas iguais. Foi-se o tempo da pretensão de saber de antemão qual é o projeto adequado para as escolas. Foi-se também o tempo em que se deixava ao diretor a responsabilidade de definir o projeto, sem ter incorporado as experiências, opiniões e aspirações daqueles que vão realizá-lo (a equipe escolar) e daqueles para os quais o projeto é feito (alunos e suas famílias). O planejamento técnico-racional deu lugar à responsabilidade compartilhada do diálogo e da criatividade necessários à elaboração do projeto pedagógico. A pluralidade de projetos pedagógicos faz parte da história da educação da nossa época. Não se entende, portanto, uma escola sem autonomia para estabelecer o seu projeto e sem autonomia para executá-lo e avaliá-lo. No entanto, o uso da autonomia não elimina a necessidade de competência técnica e racionalidade. A diferença é que elas passam e ser empregadas em favor e sob a lógica da articulação das experiências, opiniões e aspirações de todos os envolvidos e interessados nos resultados da escola. (GADOTTI & ROMÃO, 1997)

Sendo assim, pode-se constatar a contribuição do PPP para a melhoria da qualidade na educação e no ensino. No entanto, logo abaixo, pretende-se analisar e investigar os limites da implantação efetiva do PPP no âmbito prático, bem como os impasses que em alguns momentos inviabilizam a sua concretização na ação docente e no processo de ensino-aprendizagem.

Por exemplo, a escola no PPP diz que valoriza o conhecimento prévio que os alunos trazem, entretanto os alunos nas aulas não manifestam o conhecimento acerca do determinado conteúdo e pouco interagem na aula. Com isso, não tem como diagnosticar qual o perfil de cada aluno, como eles absorvem determinado conteúdo, quais suas dúvidas sobre o conteúdo etc. É difícil fazer um diagnóstico preciso sobre se os alunos estão compreendendo determinado conteúdo, em virtude de que as condições de trabalho em vários momentos não possibilitam que o professor ensine o conteúdo como gostaria e tampouco viabiliza as condições adequadas para a aprendizagem referente aos educandos objetivando a compreensão de fato um determinado conteúdo.

Nesse sentido é difícil ter um conhecimento real dos alunos e das suas experiências, pois a falta de vínculo seja do professor com a escola e seja dos alunos com a escola é grande. Tanto os alunos quanto os professores estão de passagem na escola, nesse sentido eles não almejam contribuir para a transformação do ensino para as futuras gerações e muito menos modificar o ensino no presente.

Creio que um ponto importante é um debate coletivo entre professores e alunos no sentido de compreender quais são os conteúdos essenciais para uma formação ampla para além do mercado de trabalho. Ou seja, quais conteúdos que buscam a emancipação e a ampliação da conscientização, politização e criticidade humana. Como fazer que essa discussão seja colocada no PPP e como criar condições para que se aplique essa teoria da melhor forma possível. Em suma, o diálogo, a reciprocidade e *feedback* é algo que deixa a desejar na ambiência escolar.

REFLEXÃO SOBRE O ALUNO

É essencial propor e aplicar políticas que se preocupem de fato com as condições de aprendizagens dos alunos, ou seja, qual período do dia e horário o aluno dedica-se aos estudos e à leitura dos textos. Ao avaliar a vida do aluno, propor

ainda políticas que se adéquem a realidade do dia-a-dia da maioria dos alunos oriundos de famílias desfavorecidas economicamente e que às vezes têm que trabalhar para ajudar na renda da casa. Outra questão como avaliar qualitativamente o nível de criticidade e conscientização dos alunos?

Vê-se também a importância de desenvolver políticas que visem eliminar o problema da evasão, da reprovação que gera exclusão social e desmotivação; da defasagem de idades no qual há alunos com idade avançada em séries onde há crianças com uma faixa etária menor. Propor políticas que se preocupem com as condições objetivas e subjetivas, ou seja, com as condições de estudo dos alunos.

Deveria haver políticas que se preocupem com a qualidade de vida dos professores e alunos; políticas que se preocupem com os alunos quando os mesmos terminaram o ensino-médio, ou seja, a escola convive com o aluno até o momento que ele se forma, depois ela se distancia do aluno e por efeito desconhece a realidade e as condições de vida dos alunos formados. No sentido de averiguar se ele está trabalhando, se ele tem família etc. Poderia manter convênios com empresas e instituições para ingressar o aluno no mercado de trabalho ou curso superior, não se restringindo apenas ao estágio de menor aprendiz.

Em suma, uma gestão efetivamente democrática pode-se preocupar com tais questões complexas que permeiam a realidade brasileira.

REFLEXÃO SOBRE A DIDÁTICA

Nota-se que de acordo o exposto há uma perda de sentido da ação pedagógica, pois os envolvidos no ensino não têm clareza dos pressupostos e critérios que norteiam a teoria e a prática docente. Estes ignoram a contribuição e posicionamento intelectual na sociedade reduzindo-se a uma sombra do aparato institucional burocrático enquanto os educandos são coisificados e tratados como objetos inanimados. O professor que abandona a formação continuada renuncia a condição de aluno ou de professor-historiador, ou seja, um sujeito que visa atualizar seus conhecimentos constantemente e busca inovações no trabalho, ao passo que vislumbra-se como detentor do saber e julga-se que não pode ou deve se discutir suas metodologias e rever seus critérios, almejando uma melhoria contínua e permanente da função.

Dessa forma dificulta ainda mais a clareza da didática, da metodologia e conteúdos para si quanto para os alunos, na medida em que não indaga a sua concepção teórica e prática, visando um conhecimento unitário, científico, coerente, sistemático e embasado.

O docente comprometido com a área de História, ao elaborar a própria concepção, em vez de legitimar as idéias do senso comum, tem como obrigação endossar uma didática que não tenha uma teoria completa, absoluta e universal, mas sim, que torne transparente e explicita a sua forma/conteúdo, os seus critérios, contradições internas, déficits teóricos, possíveis soluções, fundamentações e justificativas para si tanto quanto para o corpo docente, isto é, que fosse clara e coerente para todos os professores, assim como para os alunos.

Uma didática que possa ser questionada e discutida pelos educadores das áreas afins, mas tendo como enfoque a reação, expectativa, percepção e representação dos educandos em relação a tal abordagem.

Sendo assim que possa ser traduzida para os discentes, onde estes tenham o direito de ofertar argumentos plausíveis para a manutenção e perpetuação dessa didática sem abdicar da autocrítica e heterocrítica permanente, bem como incessante atualização dos seus parâmetros e diretrizes buscando superar anacronismos e ter como papel ativo uma atuação sobre a compreensão de mundo e a eventual mudança dessa compreensão, ou seja, refletir sobre a obsolescência de conceitos que nos impede de traduzir e explicar o mundo, o sentido de realidade etc.

Em resumo, os docentes têm que transcender tais condições impostas e pré-conceitos de que são uma "classe que luta contra a classe" sejam enquanto "categoria" (lutam contra si mesmo) e também no sentido de ver os alunos como um impasse no processo pedagógico ao invés de ser o alvo.

REFLEXÃO SOBRE AS CONDIÇÕES DE VIDA DOS ALUNOS

De acordo a leitura do texto, percebe-se que os alunos se deparam com inúmeros conflitos e problemas sejam na esfera pessoal, profissional, social dentre outras que muitas vezes são ignorados pelo aparato burocrático escolar quanto pelos currículos das escolas. Na passagem da educação infantil para a educação do

ensino fundamental e posteriormente para o ensino médio, tanto a escola quanto o professor deve estar ciente dos estágios de desenvolvimento dos seus alunos, tendo em vista que os mesmos apresentam um contexto social-cultural complexo, múltiplo e multifacetado envolvendo diversas faces e óticas.

Sendo assim, de acordo com a reflexão da professora Silvia Colello, pode-se concluir que como a escola na concepção do aluno é tida como um espaço na sociedade destinado ao conhecimento, também é tida por eles como um local desagradável, na medida em que nos outros espaços extraescolares não se reserva atividades voltadas para o saber, sendo assim a escola é o único espaço no qual ele tem acesso ao “conhecimento científico”. Isto é, o apelo social - que se encontra nos espaços extraescolares bem ao sabor da cultura do entretenimento e do hedonismo - conforme menciona a autora acaba tirando num certo sentido a dedicação dos alunos aos estudos.

Além do mais tal processo pode ser agravado pela administração interna da escola, no qual se preocupa unicamente em cumprir um cronograma, no sentido de que o professor tem que ensinar determinados conteúdos, levando o professor a matar o conteúdo o mais rápido possível tendo em vista que tem que cumprir com o cronograma.

Um conteúdo complexo como a 2ª Guerra Mundial ele deve vencer em no máximo duas aulas, como se o aluno fosse um robô que assimilasse um conflito complexo do dia para a noite ou somente ao ler o texto ou ouvir a explicação do professor, com isso o cronograma ignora que o ato de aprender é um processo longo e necessário ao indivíduo em virtude que tem que digerir, repensar e amadurecer as idéias passadas.

Outra questão é que o critério de qualidade às vezes é definido somente pelo professor com isso não há um diálogo e cooperação da equipe diretiva e da equipe pedagógica no debate sobre o que seria qualidade, quais conteúdos são tidos como qualitativo, qual ou quais metodologia(s) é a mais apropriada etc. Em vez de avaliar de forma minuciosa se os alunos estão realmente aprendendo tais conteúdos, isto é, o que e como eles aprendem o conteúdo; quais as dificuldades apresentadas no processo-ensino aprendizagem; qual o ritmo de aprendizagem de cada aluno, qual é o seu tempo e a sua retenção do conteúdo; avaliar se os alunos estão satisfeitos com a política pedagógica da escola e com a didática dos professores etc.

Outro problema grave é que a escola parte do pressuposto que deve ensinar um conhecimento historicamente produzido para os alunos, no entanto a mesma não visa aprender com o educando ou conhecê-lo em sua totalidade (conforme sugere a autora, deve-se estimar os processos de desenvolvimento, personalização, socialização, humanização e libertação). Da mesma forma ocorre na relação professor-aluno, ou seja, o professor se preocupa somente em transmitir informações aos discentes ao invés de buscar interagir e aprender criando uma relação recíproca de aprendizagem com os alunos.

3. METODOLOGIA

O Projeto foi implementado em um Colégio Estadual no município de Foz do Iguaçu - PR. O colégio está organizado da seguinte forma: no período matutino e vespertino, vinte e quatro turmas de Ensino Fundamental e quatro de Ensino Médio. No período noturno são dez turmas de Ensino Médio, quatro de Técnico em Enfermagem, uma turma de Agente Comunitário de Saúde. No turno intermediário, duas turmas de Celem Espanhol e uma turma Celem Inglês.

O calendário Escolar está organizado em duzentos dias letivos e oitocentas horas, conforme consta na Lei de Diretrizes e Bases da Educação.

O quadro 3 a seguir demonstra o número de professores, equipe pedagógica, Agentes Educacionais I e II que trabalham neste Estabelecimento de Ensino conforme o que demanda a Secretaria Estadual de Educação.

Quadro 03. Demanda do Colégio

Turno	Manhã	Tarde	Noite
Professores	28	29	35
Diretor	-----	-----	1
Vice Diretor	1	1	-----
Pedagogos	2	2	2
Secretária	-----	-----	1
Agente Educacional II	4	3	3
Agente Educacional I	3	3	2
Merendeiras	2	1	1
Bibliotecárias	1	1	1

Para alcançar os objetivos proposto pelo projeto, foi dividido em fases descritas abaixo:

Fase 1: Compreensão da realidade

Nesta fase, o objetivo foi aplicar um questionário (anexo 1) para o vice-diretor da escola, bem como para o docente e para o pedagogo. Este questionário auxiliou na compreensão da realidade da comunidade investigada no que concerne ao tema “stress dos professores” e “indisciplina dos alunos”. Ou seja, relacionei o stress dos professores decorrentes da indisciplina e desestrutura familiar dos alunos. Os questionários foram compostos de 10 questões aproximadamente, sendo de forma geral perguntas abertas sobre o tema proposto.

Ao fazer o estudo sobre a gestão democrática apliquei o questionário para o vice-diretor visando compreender as raízes da indisciplina e ao mesmo tempo propondo caminhos para a superação de tal quadro. Ou seja, o que a equipe diretiva em parceria com os docentes e pedagogo podem fazer para diminuir a indisciplina em sala de aula.

Ao fazer o estudo sobre a indisciplina dos educandos apliquei o questionário para a pedagoga objetivando compreender quais as medidas que a escola pode fazer para atenuar a disciplina, enfocando o papel do conselho escolar e das reuniões e palestras que podem trazer sensibilização para a comunidade escolar e para os educandos.

Os dias para o cumprimento dos questionários em relação ao diretor e pedagoga foi de aproximadamente duas semanas.

Fase 2: Fundamentação teórica

Após a análise dos questionários, embasei de forma teórica o trabalho no que tange o stress dos educadores e a raiz e as consequências da indisciplina dos discentes. Averigua-se que os dias para o cumprimento desta etapa foi de aproximadamente um mês.

Fase 3: Articulação da teoria com a prática.

Antes de realizar a intervenção, lecionei para os educandos do 1º ano, na disciplina de Sociologia, o conteúdo referente “Problemas da escola moderna”, que estará nos anexos. Nesse tópico enfatiza a deficiência curricular; Indisciplina e desmotivação dos alunos; Falta de recursos financeiros; Violência dentro das escolas; Repetência, evasão escolar e baixa qualidade do ensino. Em seguida pretendia passar um filme intitulado “Mentes Perigosas”, cuja sinopse é: Oficial da marinha (Michelle Pfeiffer) abandona carreira militar para realizar o antigo sonho de ser professora de inglês. Mas o grupo de alunos rebeldes que tem pela frente logo na primeira escola em que leciona será capaz de colocar à prova todo seu treinamento e experiência adquiridos na caserna. O filme foi produzido em 1995 e há diversas cenas de indisciplina em que é viável problematizar o processo de ensino aprendizagem com os educandos.

Ao fim de trabalhar o conteúdo “Problemas da escola moderna” e passar o filme “Mentes Perigosas”, realizei o projeto de intervenção, ou seja, levei os educandos a produzirem um vídeo sobre a indisciplina, suas origens, situações, consequências no qual eles seriam os protagonistas, representando inclusive o professor e o seu estado perante tal problemática. O foco foi trazer sensibilização para os educandos de que a qualidade do ensino depende de uma relação recíproca entre educador e educando no processo de ensino aprendizagem. Essa intervenção foi aplicada no período noturno para os alunos do 1º ano do Ensino Médio.

Como abordado acima, lecionei o conteúdo “problemas da escola moderna”, o objetivo inicial era passar o filme, todavia houve contratemplos e em seguida levei os educandos a refletirem sobre a indisciplina, e na sequência incentivei a produzirem um vídeo sobre tal temática objetivando incutir neles de que o ensino é baseado na coletividade e na cooperação.

Nota-se que os alunos tiveram liberdade para produzirem o vídeo com base na sua percepção e empatia sobre a realidade do educador. O vídeo poderia ser um filme, um documentário ou os discentes pode colocar algumas imagens e

reflexões pessoais sobre tal temática. Mediei esse processo de produção, contudo a imaginação e criatividade serão por conta dos alunos.

Ademais, expor para os funcionários da escola, comunidade e educandos a relevância da educação formal, objetivando criar entre o aluno-escola uma relação baseada na amizade e no sentimento de pertencimento e integração e não baseada na coerção, na busca da merenda escolar ou unicamente na socialização; conceber nas famílias um senso de responsabilidade e internalização dos seus direitos e deveres no que tange a educação dos seus filhos e por fim constituir cidadãos engajados e reflexivos que sejam conscientes das suas responsabilidades e que busquem o senso comum.

Esse projeto intervém na realidade em virtude de que traz sensibilização para as famílias de que elas devam acompanhar o processo de ensino-aprendizagem de seus filhos e participar das reuniões e palestras propostas pela equipe diretiva. Se a família cumprir de fato com a sua função social, logo os diversos problemas que há na relação interpessoal entre educador e aluno poderão ser diminuídos. A família não pode delegar a sua responsabilidade de transmitir valores para a escola, pois compete a escola a transmissão dos conhecimentos científicos distribuídos nas disciplinas.

Tem-se como expectativa ao fim do projeto que tanto os alunos quanto as suas famílias internalizem o seu papel específico objetivando um ensino qualitativo. Espera-se que os debates sobre a apostila “Problemas sobre a escola moderna”, as reflexões que permeiam o filme “Mentes Perigosas”, e o subsídio na produção de um vídeo sobre a indisciplina ressaltando a relação educador e educando, conduzam os estudantes a uma autocrítica sobre a sua conduta e sobre as relações interpessoais, assim como o respaldo da equipe diretiva no que concerne a gestão democrática espera-se que a família se torne presente e participativa na vida escolar dos seus filhos.

4 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS DA IMPLEMENTAÇÃO

Antes de implantar o projeto de intervenção, foi formado 5 grupos (G1, G2, G3, G4 e G5) tendo em vista a produção do vídeo sobre a indisciplina.

O grupo 1 foi composto por 07 alunos denominados aqui como G1 (grupo 1) e as letras alfabéticas de A até G. Logo o aluno 01 foi nominado como G1A e assim por diante. O grupo refletiu que o comportamento indisciplinado simplesmente obedece a uma tentativa de impor a própria vontade sobre a do restante da comunidade. Tal afirmação pode ser associada à pesquisa de Antunes (2002) no qual caracteriza a indisciplina em focos sendo este o princípio gerador de indisciplina: Escola, Professor, Aluno e Família.

O grupo G2 foi composto por 07 alunos. Segundo a fala do aluno G2E, os professores estão se afastando do Estado devido à violência física ou verbal dos alunos. Tal fala do aluno pode ser associada aos estudos de Colombier no qual (1989, p. 17) “a violência que as crianças e os adolescentes exercem, é antes de tudo, a que o seu meio exerce sobre eles”. Ou seja, se tais crianças vivem num ambiente violento, pais que se agridem fisicamente e verbalmente, hostis, que não respeitam o próximo e seus direitos, tem colegas violentos, na escola estes alunos numa probabilidade grande se apresentaram sem limites, agressores e rebeldes.

O grupo G3 foi composto por 07 alunos. A ideia endossada pelo grupo é que uma das causas da indisciplina se deve ao fato dos pais não terem tempo para educar seus filhos, devido o fato de terem um jornada de trabalho desgastante, por consequência delegam essa função para a escola, o que por sua vez, compromete a qualidade do ensino e gera indisciplina escolar. Tal ideia pode ser associada aos estudos de Zagury (2006, p. 89) aponta que “a família abriu mão de seu papel essencial de geradora da ética e de primeira agência socializadora das novas gerações”. Com toda esta falta de limites o rendimento das aulas fica prejudicado afetando diretamente os alunos, que supostamente terão aulas menos enriquecedoras e produtivas do ponto de vista educacional e social.

O grupo G4 foi composto por 6 alunos. A ideia defendida por este grupo é que uma das causas da indisciplina se deve ao fato dos alunos conviverem num

ambiente violento, e por efeito reproduzem tal conduta no espaço pedagógico. Essa ideia vai ao encontro dos estudos de Colombier (1989).

Outra ideia defendida pelo grupo G4 é sobre as condições de trabalho do educador no aspecto de que a sua hora atividade é insuficiente para o planejamento das aulas, o que por efeito compromete a qualidade do ensino. Essa ideia pode ser articulada a Fonseca (2003) no qual comenta que para operar uma transformação no ensino visando uma melhoria tem que primar pela formação e a atuação dos profissionais com o intuito de projetos que melhorem a qualidade pedagógica dos professores contemplando ao mesmo tempo a formação inicial (cursos de licenciatura); formação contínua (cursos, treinamentos em serviços, assessorias etc); condições de trabalho (materiais, carga horária, salário) e regulamentação da carreira.

Ademais, a prática do profissional é condicionada pela estrutura e pelo sistema em que esta imbuído, isto é, o profissional tem muito pouca hora-atividade para poder preparar as aulas e poder buscar a formação continuada no sentido de pesquisar e de se dedicar a leituras de diversas fontes, ou seja, além de não ter tempo para obter um conhecimento completo sobre a sua área, tampouco sobra tempo para ele conhecer outras áreas; como o mercado de trabalho objetiva a diminuição de custos e a redução de gastos, o profissional da educação muitas vezes se sente impulsionado a ter que trabalhar em várias escolas e a ter várias turmas, na medida em que o salário é insuficiente para manter um padrão de vida digno e de buscar qualidade de vida, nesse sentido a qualidade das aulas automaticamente cai em virtude de que o preparo prévio sobre tal assunto é dificultado pelas condições de trabalho.

O grupo G5 foi composto por 3 alunos e defendeu a ideia de que a família tem como foco a construção da identidade do indivíduo. E com a crise familiar, os alunos tem demonstrado na ambiência escolar um comportamento destrutivo. Tal ideia pode ser associada a Antunes no qual caracteriza a indisciplina em focos sendo este o princípio gerador de indisciplina: Escola, Professor, Aluno e Família. A escola gera indisciplina quando não existe transparência sobre sua essência, o que é ou não permitido existindo clareza das normas e a exemplo disso uma boa organização institucional.

De forma geral, os vídeos foram muito bem produzidos, os alunos demonstraram participação e envolvimento no projeto.

Entrevista:

Questionário aplicado a professora que se afastou no ano passado de quatro escolas estaduais por motivo de stress no qual esta descrito na metodologia.

A entrevista realizada com a professora foi tranquila, pois ela demonstrou disponibilidade de tempo e interesse em compartilhar suas experiências e saberes referente a indisciplina escolar. Constatei que a realidade descrita pela educadora foi marcada por diversos percalços no qual ela descreveu as situações que levaram a se afastar do Estado.

O objetivo do questionário aplicado a educadora foi compreender as causas da indisciplina e os conflitos que há na relação interpessoal. A intenção foi entender como a professora lidou em situações problemáticas com os educandos e qual a compreensão da mesma inerente a função da família e da escola para amenizar a indisciplina escolar.

1 – Há quanto tempo você leciona? Você já trabalhou em várias escolas estaduais e particulares? A gestão, as normas e a organização variam de uma escola para outra?

Educadora: Leciono há aproximadamente 20 anos, mas sem continuidade. Sim, já lecionei várias disciplinas: OSPB, Moral e Cívica, Português, Inglês, História, Geografia, Biologia, Educação Física (para o Curso de Magistério, com enfoque em atividades lúdicas), no interior de Minas Gerais, devido à falta de professores formados nas áreas específicas. Só não trabalhei com Matemática, Química e Física. Em Minas, trabalhei pelo Estado, com contrato de Regência de Classe (semelhante ao PSS no Estado do Paraná) e no CEFET Ouro Preto (Espanhol e Coordenação do Curso Técnico de Turismo); no Espírito Santo, trabalhei pela prefeitura (Português e Inglês), com carteira assinada. Tenho mais experiência em escolas públicas, inclusive, desde 2005, trabalho pelo Estado do Paraná, em Foz do Iguaçu. Aqui (Foz), já trabalhei em 8 escolas.

2 – Em sua opinião, o afastamento dos professores por Stress é ocasionado pela indisciplina e desestrutura familiar dos alunos?

Educadora: Não só pelo Stress. No meu caso a indisciplina foi fundamental, pois fui muito afrontada pelos alunos. Numa das escolas, um aluno que não frequentava a aula, apareceu no dia da prova bimestral e tentou colar do colega. Eu fui chamar a atenção ou senão recolheria a prova e ele entregou com rispidez. No mesmo dia, mas em outra turma, um aluno entrou na sala e pegou a prova e foi embora sem eu lançar a nota no registro de classe. Sai atrás dele e no portão vi o aluno do qual tinha tomado a prova. Ele questionou porque eu havia tomado a prova e me disse que sabia que eu ia pra escola num carro preto e que às vezes meu marido me levava de moto. Enfim, isso foi um assédio moral e ameaçador por parte dele. Esse incidente com os alunos gerou tontura, ânsia de vomito, stress. Devido a um acidente no colégio Jorge Schimmelpfeng, desde o final de 2011, venho me sentindo mal, e acabou se transformando em stress pós-traumático e se não me afastasse iria virar uma síndrome do pânico. Tive bastante ansiedade em relação ao trabalho...

Há sim, desestrutura familiar. Em alguns casos, o aluno chega drogado, pois não tem os pais presentes em sua vida. Na minha família sempre houve dialogo entre os filhos. Hoje em dia na entrega dos boletins a gente vê o pai do aluno questionando o educador porque seu filho tirou aquela nota e diz ainda que o professor é culpado. O pai hoje em dia não conhece o seu filho. E a questão não é financeira, mas sim uma questão de educação. A escola infelizmente virou um deposito de alunos.

3 – Em sua opinião, há outros fatores que podem ser pontuados em relação ao afastamento dos professores por Stress?

Educadora: Sim, a relação dentro da escola. Já presenciei conflitos entre pais e professores, o que gerou mal estar numa educadora. Assédio moral por parte da direção e da equipe pedagógica, pois só pode ter um número x de alunos com “nota vermelha”, ou seja, a direção pressiona o professor para fazer “recuperação da recuperação”; ter que aprovar o aluno, apesar dele não ser assíduo; há situações na escola, como o aluno que atingiu a média, mas é

faltoso, levando o professor a rever as faltas deste aluno. Em algumas situações a direção fala mal de um profissional para outros colegas de trabalho, ameaça o profissional no aspecto de colocar a pessoa a disposição do núcleo e diz que esse profissional “tumulua” a escola, etc.

4 – No seu caso houve afastamentos relacionados a outros fatores?

Educadora: No meu caso, o assédio moral, o assédio do aluno, o acidente na coluna que ocorreu na escola e que gerou o stress pós-traumático.

5 – Quais foram os sintomas físicos e psicológicos de stress que provocaram seu afastamento no ano de 2012?

Educadora: No físico, foi a dor de cabeça, a tontura, o enjoo e a insônia e no psicológico, o choro, a insônia também, a ansiedade, muita distração ou dispersão.

6 – Em sua opinião, a indisciplina esta (in)diretamente relacionada a desestrutura familiar e com a violência urbana ou estrutural gerada pelo sistema capitalista?

Educadora: Sim, naquele caso que sofri uma forma de violência por parte de um aluno, no sentido de ser ameaçada. Na escola, alguns alunos querem exibir o celular bonito e às vezes ocorre o roubo. Outras vezes, o aluno quer suprir as suas carências recorrendo ao consumismo. Houve um caso em que uma pedagoga disse para mim que eu não poderia chamar a atenção daquele aluno, pois ele era um ex-presidiário.

7 – Nesta pesquisa científica a ação proposta para superar este problema é uma gestão democrática na escola, no sentido de incentivar a família a participar mais da escola e acompanhar o desempenho dos seus filhos. Em outros termos, a escola tem que criar meios ou condições para que todos os pais participem das

reuniões, dos debates, etc. Você concorda com essa proposta? Em sua opinião é uma medida paliativa ou não? Por quê?

Educadora: Sim, concordo com essa proposta. Promover reuniões, ligar para os pais e em alguns casos até ir à casa de determinados alunos, não é o suficiente, mas promover ações como, por exemplo, um jantar para uma determinada turma, para assim poder abordar alguns problemas relativos ao processo de ensino-aprendizagem. Promover “jogos”, atividades de interação, que envolvam as famílias. E não é uma medida paliativa, pois acredito que a gente pode fazer, ou seja, trazer a família para a escola. Por exemplo, meus pais me contavam sobre o professor ir jantar na casa de um aluno. O professor ia visitar e o aluno ficava com receio daquela situação. Depois do jantar vinha a conversa no sentido de que o filho precisava de mais atenção... Nesse sentido os pais até batiam no filho no sentido de educar. Diziam: “Se ela vier aqui de novo para dizer que você não está estudando você vai apanhar de novo”. Ou seja, os pais reconheciam a autoridade do professor e isso infelizmente hoje se perdeu... É necessário hoje resgatar o valor do professor. Meu papel não é ensinar para o “seu” filho, SOZINHA, que ele tem que ser honesto, que ele tem que ser um bom cidadão, etc.. ou seja, cada um tem que fazer a sua parte.

8 – Em sua opinião o diretor e os pedagogos tem um papel decisivo no sentido de atenuar a indisciplina em sala de aula e reduzir o afastamento dos educadores? Por quê?

Educadora: Trabalhar junto com o professor e não ir contra ele. Cada escola tem seu público e não adianta implantar um trabalho radical sem levar em consideração a comunidade escolar, ou seja, entender como é o perfil desse aluno. Podemos refletir sobre a desestrutura do sistema escolar, por exemplo, diminuir o número de alunos por sala, etc.

9 – Em sua opinião, hoje em dia pode-se afirmar que há uma crise na educação? Por quê?

Educadora: Sim, devido à perda da autoridade do professor, o Estado não fornece hora atividade de acordo à jornada de trabalho, etc. Hoje em dia há uma sobrecarga de trabalho nos educadores, tem gente que precisa e trabalha até 60 horas, o que gera mais problemas para a saúde do educador.

10 – Em sua opinião, o tema indisciplina aflige de forma direta ou indireta a comunidade?

Educadora: Aflige sim, pois os pais às vezes dizem: “não vou colocar o meu filho para estudar naquela escola”. O pai que é presente escolhe a escola que o filho vai estudar. De forma geral, percebo que muitos pais estão preocupados com a indisciplina dos outros alunos, mas não questionam se o seu filho é indisciplinado.

11 – Gostaria de pontuar outros elementos que são indispensáveis para a superação da indisciplina no espaço pedagógico?

Educadora: Poderia ter psicólogos na escola, para atendimento não somente aos alunos, mas também para as famílias e educadores. Tem que se pensar na estrutura da escola, que é reflexo da sociedade, pois esta é desestruturada bem como a família.

12 – Em sua opinião, qual deve ser a função da escola e a função da família?

Educadora: A função da família é dar a educação básica como princípios, moral, sendo uma iniciação à cidadania e a escola, além do conteúdo (culto) científico, além da formação profissional, iria complementar o trabalho da família.

A escola daria o conhecimento científico e a família daria o humanístico. A escola poderia complementar também o conhecimento humanístico, mas enfatizando o conhecimento científico.

13 – Em sua opinião, quais são os aspectos positivos e negativos da profissão de educador?

Educadora: Positivo: Estou ajudando aquela pessoa a construir a sua identidade, o ser, a se autoconhecer, a conhecer a área que tem afinidade visando o aspecto profissional.

Negativo: A questão da desvalorização por parte dos alunos, ou seja, “O que você esta fazendo aqui? A minha vida seria melhor sem a sua existência! o que isso irá acrescentar na minha vida?”.

Hoje em dia quero ajudar somente quem quer ser ajudado. Perdi a graça...

Em suma, meu afastamento foi devido ao acumulo de trabalho e todas essas situações que, digamos, foram o estopim para meu afastamento “definitivo”.

ENTREVISTA COM O VICE-DIRETOR DO COLÉGIO ESTADUAL:

Examina-se que a entrevista realizada com o vice-diretor sucedeu de modo tranquilo, em virtude de que antes da entrevista, o mesmo chegou a ler o meu projeto da pós-graduação e demonstrou interesse em abordar temas relacionados a indisciplina escolar. Averigui que a realidade abordado pelo vice-diretor sinaliza que o problema da indisciplina esta vinculado a desestrutura familiar, em virtude de que é essencial a parceira da família com a escola para a superação de tal problemática.

O foco do questionário aplicado ao vice-diretor foi entender qual o papel da gestão democrática para a diminuição dos conflitos interpessoais, assim como a função da família para a solução destes impasses. O intento foi compreender como o vice-diretor pode lidar com os embates diários enfrentado seja na gestão, quanto na relação com o corpo docente, discente e familiares.

1 – (Tiago) Em sua opinião, quais são os fatores que geram a indisciplina escolar?

VD: Limites, valores morais, desrespeito para com o trabalho do profissional (professor) e principalmente a perda da noção do que é uma aula e o quanto algumas atitudes (negativas) atrapalham sua condução levando a indisciplina.

2 – (Tiago) Como o senhor compreende o papel da família na diminuição da indisciplina?

VD: Como já adiantei na primeira questão, creio que atuando na questão dos valores ou princípios: respeito, disciplina, paciência, organização...

3 – (Tiago) Quais são as medidas que uma gestão democrática pode adotar tendo em vista a diminuição ou superação da indisciplina?

VD: Primeiramente garantindo a autonomia dos professores, ouvir professores, estudantes e funcionários e agir por meio de medidas, iniciativas frutos do consenso para resolver os problemas.

4 – (Tiago) Em sua opinião, o afastamento dos educadores do Estado por motivo de stress e outras doenças esta vinculada a indisciplina?

VD: Creio que podem ser fatores desencadeantes, somados geram todo um contexto que sugere o afastamento para fins de tratamento.

5 – (Tiago) Enquanto gestor e educador, qual deveria ser o papel do professor e da escola objetivando a diminuição dos conflitos interpessoais?

VD: Penso que o respeito e postura ética e profissional devem estar entre as prioridades de ambos, e com já foi dito o diálogo e a busca de soluções, voltado ao real objetivo que é o estudante, o aprendizado e a busca constante de um bom ambiente de trabalho que depende de todos os atores: gestor, professor, funcionários, estudantes e comunidade. Se algo está errado todos estão errando, apontar um culpado é algo vazio já que a complexa estrutura escolar depende essencialmente da atuação positiva de todos, sem exageros.

6 – (Tiago) No seu entendimento o que gera o distanciamento da família em relação à escola, especialmente os pais dos alunos tidos como “indisciplinados”? Quais são os fatores que geram a desestrutura familiar?.

VD: Penso que o distanciamento exista, muito em relação aos próprios problemas que cada família enfrenta especificamente, não da para generalizar. Porém, muitas vezes o problema começa em casa, relação pais e filhos, preparo dos pais em lidar com dificuldades e fases que o estudante se encontra. Outro ponto são as reuniões de pais, muitas vezes somente os mais preocupados comparecem, temos a impressão que a escola os estudos estão em quinto plano para as famílias, sendo que o certo seria ocupar uma posição bem melhor.

A desestruturação é oriunda da própria sociedade e suas imposições a família é vítima desse contexto, o consumo, capitalismo, pressões, modelos equivocados, valores deteriorados, etc.

7 – (Tiago) Quais os desafios que o senhor enfrenta na atual gestão?

VD: Os desafios internos e externos são diários e muitos. Creio que o fato de pautarmos e priorizarmos uma gestão democrática e o diálogo temos algumas distorções ou más interpretações, talvez intencionais ou por falta de experiência. Portanto, o grande desafio seria sustentar e manter a gestão nesse caminho mesmo com muitos sinais fechados e ventos contrários.

8 – (Tiago) Pode-se afirmar que a indisciplina esta vinculada a uma crise da autoridade e a desvalorização dos professores?.

VD: Creio que pode, já que são diversos fatores sendo esse mais alguns, a crise da autoridade está muito relacionada a perda de autonomia e a própria identidade de profissional e que sabe o desconhecimento dos seus direitos e a desvalorização não é só financeira é profissional e ética.

9 – (Tiago) O senhor acredita que as condições de trabalho do educador interferem no aumento ou diminuição da indisciplina?

VD: Também, uma sala sem ar condicionado decente, por exemplo, com quase ou até 40 alunos e num calor com o de nossa cidade é um fator de muita indisciplina, talvez seja até uma questão física, não sei.

Salas superlotadas, penso que o ideal são salas entre 25 e 30 estudantes para o fundamental e o médio.

Recursos tecnológicos podem ajudar com multimídias, microfones, etc.

10 – (Tiago) O senhor acredita que gestão democrática em parceria com os docentes e pedagogos é suficiente para atenuar a indisciplina na ambiência escolar?.

VD: Temos de trabalhar para corrigir e melhorar sempre. Como já dissemos todos somos responsáveis pelas dificuldades e obstáculos, portanto, todos tanto no sucesso como nas derrotas são protagonistas, não existe meio termo. Uma escola é boa ou ruim quando todos trabalharam ou não trabalharam para isso. Creio que estamos no caminho para que nosso colégio melhore cada vez mais, pois, existe um grande número de pessoas com esse mesmo objetivo.

ENTREVISTA COM A PEDAGOGA DO COLÉGIO ESTADUAL.

Nota-se que a entrevista realizada com a pedagoga ocorreu sem contratempos, no qual a mesma demonstrou vontade em esclarecer problemáticas diárias na sua função. A realidade abordada pela pedagoga sinaliza que a indisciplina escolar esta vinculada a um problema cultural o que leva os alunos a não reconhecerem a relevância do estudo, bem como os familiares a não participarem do processo de ensino e aprendizagem. O objetivo do questionário foi entender quais são os mecanismos de punição que há para controlar os desvios de comportamento e como tentar trazer a família para a escola tendo em vista o acompanhamento do desempenho dos seus filhos. A intenção foi entender as dificuldades que há na relação interpessoal com os educandos e qual o papel da equipe pedagógica para solucionar conflitos inerentes a indisciplina.

1 – (Tiago) Em sua opinião, por que os alunos de forma geral não reconhecem a relevância do estudo para o crescimento profissional?

Pedagoga: Penso que seja uma questão cultural, também a necessidade de reformular a grade curricular das escolas, é preciso investimentos nas instituições de ensino, não somente na valorização do professor, mas em todo o contexto em que esta se encontra. É preciso uma revolução na educação.

2 – (Tiago) Em sua opinião, por que as famílias não reconhecem a autoridade dos educadores - seja do ponto de vista moral e intelectual - e não acompanham o papel de ensino-aprendizagem dos seus filhos?

Pedagoga: Porque as famílias são reflexo da sociedade, se questionarmos quais ideologias são repassadas na mídia, nas redes sociais, em todo contexto social, entenderemos o fato. Em relação ao acompanhamento da aprendizagem, os pais necessitam trabalhar para obter meios de adquirir bens materiais, alimentação e tecnologias etc...

3 – (Tiago) Em sua opinião, qual deveria ser a função da família, dos educadores e dos alunos tendo em vista a diminuição da indisciplina?

Pedagoga: A função da família educar para formação moral, ética, dos professores a sistematização do conhecimento científico, dos estudantes interesse para sua formação intelectual.

4 – (Tiago) Ao longo de sua experiência profissional, pode-se afirmar que os alunos na atualidade são mais indisciplinados?

Pedagoga: Bom se analisarmos do ponto da história da educação, temos que entender que todos frequentam os bancos escolares, sendo que em décadas anteriores somente os que detinham o poder econômico. Então difícil responder, pois as classes populares não estudavam, aqueles que tinham dificuldades de aprendizagem também não.

5 – (Tiago) No seu entendimento quais são as causas e as consequências da indisciplina escolar?

Pedagoga: Diversas: Currículo Escolar, Formação dos Educadores, Pedagogos, Administração Escolar, Falta de tecnologias, Interação com as Universidades, Interesse dos estudantes, participação das famílias.

6 – (Tiago) Qual seria o papel do conselho escolar, reuniões e palestras com os alunos e familiares, tendo em vista a diminuição da indisciplina?

Pedagoga: O papel do Conselho Escolar é atuar de forma efetiva, contribuindo para a construção do projeto político pedagógico, Regimento Escolar, e da Proposta Curricular.

7 – (Tiago) As condições de trabalho da equipe pedagógica permite fazer um trabalho em conjunto com a equipe diretiva e o corpo docente objetivando a diminuição da indisciplina?

Pedagoga: Sim.

8 – (Tiago) Enquanto pedagoga quais são os desafios que você enfrenta no dia a dia?

Pedagoga: Alto índice de falta de professores, dificuldades para estabelecer trabalhos em equipe, estudantes com diversos problemas familiares, Indisciplina, etc.

9 – (Tiago) No PPP (Projeto Político Pedagógico) e no regimento escolar há um enfoque sobre as regras de convivência na escola e sobre como lidar com a indisciplina escolar?

Pedagoga: Sim.

10 - (Tiago) Qual o procedimento que é adotado pela equipe pedagógica em ocasiões que os alunos apresentem indisciplina em sala de aula?. Há advertências, suspensões?.

Pedagoga: Os estudantes que apresentam indisciplina é repassado orientações que constam no regimento, convocada a família para acompanhar, feito registros em ata, registro dos professores, em casos de agressões físicas solicitada a Patrulha Escolar para registros e orientações. Casos todas essas situações não sejam resolvidas é convocado o Conselho Escolar e a família para tomar decisões necessárias de acordo com a legislação.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Houve alguns contratemplos na implantação do projeto. Num primeiro momento devido o fato de haver no Estado do Paraná os Jogos escolares no período de 03 a 16 de julho... houve praticamente uma semana sem aula na escola. Com isso não foi possível solicitar leitura da apostila e passar o filme intitulado “Mentes Perigosas”. Num primeiro momento sugeri para os educandos assistirem o filme em casa, abordei que o mesmo se encontra de forma completa no Youtube. Abordei de forma sucinta o conteúdo do filme sendo a relação interpessoal entre a professora e os alunos, assim como a violência que havia dentro e fora da escola.

Num segundo momento, não foi possível a leitura da apostila denominada “Problemas da escola moderna”, expliquei de forma geral que um dos motivos que gera a indisciplina é as regras não serem internalizadas pelos alunos; há crise das autoridades seja na relação entre professor e aluno quanto na relação pais e filhos; por outro lado não há uma compreensão sobre qual é a função da escola e da família, por exemplo, o papel da escola é a transmissão do conhecimento científico e a da família é a formação moral e de valores. Ou seja, a escola não pode formar um cidadão, pois a transmissão de valores compete a instituição familiar. Segue nos anexos as perguntas com as respostas referente o questionário sobre “Indisciplina e problemas da escola moderna”.

Num terceiro momento passei o questionário no quadro sobre a apostila “Problemas da escola moderna” (segue em anexos) e destinei duas aulas para os alunos fazerem o mesmo.

Somente foi possível marcar duas aulas no laboratório de informática para a produção do vídeo, todavia não havia o programa no computador chamado vídeo maker, o que impossibilitou a criação do vídeo. Nessas duas aulas no laboratório solicitei para os alunos pesquisarem quais são as causas da indisciplina e qual o papel deles neste processo no aspecto de diminuir a mesma em sala de aula.

Constata-se que a produção do vídeo ocorreu fora da escola. Creio que o objetivo proposto foi atingido, apesar dos contratempos. Todos os grupos apresentaram o vídeo e abordaram o entendimento sobre a função da escola, da família, as condições dos educadores e o que poderia ser feito para a diminuição da indisciplina.

As perspectivas são boas, pois pude notar que já houve uma mudança de postura dos alunos no processo de ensino e aprendizagem. Os educandos mostraram interesse e dedicação na produção dos vídeos que será apresentado no dia da monografia.

REFERÊNCIAS

ALVAREZ, Marcos César. A convivência escolar e seus conflitos. **Revista Educação**. v. 1. n. 1. p. 28. nov. 2007.

NOGUEIRA, Cláudio; NOGUEIRA, Maria. A Sociologia da Educação de Pierre Bourdieu: Limites e Contribuições. 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010173302002000200003&script=sci_arttext> Acesso em 07 de setem 2012.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**, Rio de Janeiro: Record, 2001.

GUARESCHI, Pedrinho. **Sociologia Crítica**. 47. ed. Porto Alegre: Edipucrs, 2000.

BONADIMAN, Heron Laiber; et all. **A gestão do conselho de classe e a produção do fracasso escolar**. Disponível em: <http://www.abrapso.org.br/siteprincipal/images/Anais_XVENABRAPSO/84.%20a%20gest%C3o%20do%20conselho%20de%20classe%20e%20a%20produ%C7%C3o%20do%20fracasso%20escolar.pdf>

1º Texto complementar ao texto 2: Projeto Político Pedagógico da Escola. Programa de apoio à melhoria de Ensino Municipal. Texto adaptado de: GADOTTI M e ROMÃO, J. E. (orgs) **Autonomia da escola: princípios e propostas**. São Paulo: Cortez, 1997. Disponível em: http://www.race.nuca.ie.ufrj.br/ceae/m2/complementar2_1.htm

RIOS, Terezinha. **Ética e competência**. 11. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. 30. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

BITTENCOURT, Circe (Org.). **O saber histórico na sala de aula**. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

CATANI, Denise Bárbara. Pierre Bourdieu pensa a educação. **Revista Educação**. São Paulo, v. 1, n. 5, p. 16. ago. 2007.

FONSECA, Selva Guimarães. **Didática e prática de ensino de história: Experiências, reflexões e aprendizados**. 2ª ed. Campinas, São Paulo: Papyrus, 2003.

Diversos autores. Cadernos de Educação: **Saúde do(as) trabalhadores (as) em Educação**. Ano XV, n. 22. Jan/Jun. 2010 – Brasília: CNTE, 1996.

QUEIROZ, Francisco Manoel Ribeiro de. **Fundamentos de Sociologia**. [S. I. : s. n.], Brasília – DF: E. V. 2009.

MENEZES, Revista Nova Escola (título da revista: Currículo). Ano XX III, nº 209, Jan/Fev. 2008. Editora: Abril.

Aquino, Julio. **Confrontos na Sala de aula: uma leitura institucional da relação professor-aluno**. São Paulo, Summus, 1996 a.

AZEVEDO, Janete M. Lins de. **A Educação Como Política Pública**. Campinas, São Paul: Autores Associados, 1997.

GOMEZ, A. I. Pérez. **Compreender e transformar o ensino**, 4ª Ed. Porto Alegre, ArtMed, 1991.

Gusdorf, G. **Professores para que?** Lisboa, Moraes, 1970.

VALERIEN, Jean. **Gestão da Escola Fundamental: Subsídios para Análise e Sugestão de Aperfeiçoamento**. 4ª Ed. São Paulo: Cortez.

ANTUNES, C. **Disciplina e Indisciplina na escola**. DVD. Atta mídia e educação.

ANTUNES, C. **Professor bonzinho = Aluno difícil. A questão da indisciplina em sala de aula**. Fascículo 10, 5 edição, Editora Vozes, Petrópolis, 2006.

VASCONCELLOS, C. S. **Construção do conhecimento em sala de aula**. 13 edição. Libertad. São Paulo, 2002.

COLOMBIER, C. MANGEL, G. PERDRIault, M. **A violência na Escola**. Summus, São Paulo. 1989.

ZAGURY, T. O Professor Refém. **Para pais e professores entenderem por que fracassa a educação no Brasil**. 4 edição. Editora Record. Rio de Janeiro, 2006.

Artigo de jornal: **Escola Estadual de São Paulo barra aluno sem uniforme**. (Folha de São Paulo Online. 08 de março de 2005. Por MARY PÉRSIA).

Coll, César, Palacios, Jesus & Marchesi, Alvaro (org). **Desenvolvimento Psicológico e Educação** Vol 1 Psicologia Evolutiva, Porto Alegre, Artes Médicas, 1995.

ANEXOS

Anexo 1

PROFESSOR: TIAGO. DISCIPLINA: SOCIOLOGIA - CONTEÚDO: FUNÇÕES DA EDUCAÇÃO, INDISCIPLINA ESCOLAR E PROBLEMAS DA ESCOLA MODERNA. SÉRIE/TURMA:

EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO:

- 1 – Antes da educação em massa, que instituição se responsabilizava pela educação?** R – Família.
- 2 – A família ainda se incumbe da educação no que se refere a:** R – moral e valores.
- 3 – Segundo o texto, alguns pais reclamam dos professores. Essa queixa se relaciona a quê?** R – Os professores interferem na formação religiosa e ideológica dos alunos.
- 4 – Função ocupacional da educação é:** R – preparar o indivíduo para exercer uma profissão.
- 5 – Socialização é uma função que:** R – inicia os alunos nos contatos sociais fora da família.
- 6 – Democratizar as oportunidades significa:** R – fazer com que todos tenham as mesmas oportunidades.
- 7 – Ao retardar a entrada do aluno no mercado de trabalho, a escola está:** R – ajudando a sociedade, não saturando o mercado de trabalho.
- 8 – Deficiência curricular significa:** R – que o currículo não acompanhou o desenvolvimento do conhecimento.
- 9 – Segundo o texto, uma das causas da indisciplina dos alunos é:** R – salas de aula superlotadas.
- 10 – Uma das causas da violência na escola é:** R – rivalidade entre gangues.

EXERCÍCIOS DE REFLEXÃO:

- 1 – Que outras instituições já foram responsáveis pela educação ao longo da História?** R – Nas antigas sociedades, o papel de educar era exercido pela família, que fornecia os princípios básicos de convivência social (socialização) e dava formação necessária para exercer atividade econômica própria.
- 2 – Explique o conflito de atribuições que existe entre a escola e a família?** R – O problema é que alguns pais reclamam de professores que atuam em questões religiosas e ideológicas contrárias à orientação familiar. Por outro lado, educadores reclamam de pais que, por falta de tempo ou interesse, delegam aos professores toda responsabilidade pela formação acadêmica e moral.
- 3 – Explique a função ocupacional da escola?** R – Uma das funções da educação é fazer com que o indivíduo seja capaz de exercer uma atividade profissional útil à sociedade. Atualmente, toda atividade econômica exige uma formação técnica ou superior, o que faz da escola uma instituição fundamental para o mercado de trabalho.
- 4 – Em que sentido a escola promove a socialização?** R – A escola proporciona a oportunidade de a criança estabelecer os primeiros contatos sociais fora do meio familiar. No ensino médio, os jovens participam de festas e competições esportivas que são verdadeiros ensinamentos de vida social ativa.
- 5 – Por que a escola democratiza as oportunidades?** R – Se todos tiverem um ensino básico de qualidade, teoricamente terão a mesma oportunidade de ingressarem em cursos superiores, independentemente de sua condição social. Porém, isso não acontece na prática, onde os ricos são favorecidos por terem acesso às escolas particulares de melhor qualidade e, com isso, garantem as melhores vagas na universidade pública.

6 – Por que um currículo deficiente prejudica a educação? R – O conhecimento avançou de forma assustadora nos últimos 20 anos, mas a maioria dos sistemas escolares não alteraram os currículos, o que levou, em alguns casos, a uma defasagem entre a sala de aula e o mundo real.

7 – Na sua opinião, por que os alunos estão desmotivados e indisciplinados? R – A indisciplina é um problema cultural, assim como é motivada pela desestrutura familiar, pois os pais comumente não acompanham o processo de ensino e aprendizagem dos seus filhos. Por outro lado as estruturas das escolas públicas não viabilizam o uso de ferramentas tecnológicas em prol de um ensino qualitativo.

8 – Fale sobre o problema da violência dentro das escolas. R – Educadores, alunos e pais estão perplexos com o aumento de problemas relacionados com o tráfico de entorpecentes, rivalidade entre gangues, agressões físicas e morais, roubos e outras ocorrências dentro das escolas. Há casos de alunos que deixam as escolas por medo da violência e dizem que os responsáveis não fazem nada para acabar com o problema.

9 – Por que a repetência e evasão escolar prejudicam um sistema educacional?. R – O alto índice de repetência acaba levando à evasão escolar, que é uma espécie de atestado de falência para qualquer sistema educacional, uma vez que o investimento feito, durante certo tempo, em um determinado aluno é quase que totalmente perdido com sua desistência.

Anexo 2

revista nova escola ano XXIII
 Nº: 209 Jan/fev. 2008. editor: Celso
 Título da revista: Revólucão

Pense nisso
 Artigo



Luis Carlos de Menezes
 professor de Física em São Paulo

A indisciplina ao alcance de todos

É o que acontece em escolas que não definem coletivamente normas de convivência nem compromissos de trabalho e de aprendizagem

Disciplina na escola pode significar coisas muito diferentes, mas indisciplina é sempre comportamento impróprio (desobediência, desrespeito ou agressividade). Esses desvios de conduta também aparecem em relações familiares, comerciais, esportivas e políticas. Por isso, acredito que é essencial compreender como isso se dá nos outros contextos para renovar nosso olhar sobre o que ocorre na escola e, assim, evitar diagnósticos cheios de preconceito e insistir em propostas que não têm dado resultado.

No convívio familiar, uma criança que faz algo impróprio ou perigoso pode ser advertida ou perder autonomia até se mostrar conflável. Porém, se essa criança for agredida em vez de orientada, pode se tornar agressiva e, aí sim, expressar sua revolta com indisciplina. Nos esportes, as regras (predefinidas e aceitas por todos) punem lances faltosos, mas a falta é parte do jogo, não indisciplina. Só quando as regras são mal aplicadas é que o jogo deslamba para o desrespeito, a deslealdade ou a agressão – a indisciplina, enfim.

No comércio de bens e serviços, o atraso no pagamento ou fornecimento é punido com juros e multas contratuais e as partes prejudicadas têm como lutar por seus direitos. Isso só vira indisciplina quando não há chance de recorrer e alguém sai esmurrando balcões de atendimento. Na política e na Justiça, o conflito é coisa natural. Dos parlamentos e tribunais espera-se integridade, não consenso.

Mas ações indignas, em que questões pessoais prejudicam o interesse público ou desmoralizam o processo democrático, acabam em desrespeito às instituições, em indisciplina cívica.

Nas relações sociais, do comércio à política, em casa ou nas quadras esportivas, a indisciplina entra em cena quando há desvios de comportamento e regras ausentes, impróprias ou mal aplicadas. O mesmo deveria valer para as escolas. Ao receber os estudantes, se estabelece um compromisso recíproco de ensino e de empenho pelo aprendizado. De um lado, é preciso um projeto pedagógico claro e eficaz, com uma proposta curricular periodicamente avaliada. De outro, alunos e seus responsáveis precisam participar de forma consciente e efetiva.

E por isso que, quando à elaboração e a vivência das regras de convívio fazem parte do processo educativo, as desobediências e advertências não se transformam em desrespeito ou em problema disciplinar sistêmico. São as escolas que sofrem com esse problema que precisam de diagnóstico, não os alunos. O caminho é a elaboração de um código de conduta por e para todos: professores, funcionários, alunos e responsáveis. E não se surpreenda se isso melhorar o desempenho escolar como um todo, e não só no que diz respeito à disciplina. Pois a disciplina pessoal não é somente meio, mas também resultado da Educação. E a indisciplina não é somente obstáculo ao aprendizado,

“Quando há regras de convívio claras, a desobediência não vira um problema disciplinar sistêmico”

mas também a falta de aprendizado.

Sem esse compromisso explícito, prevalece o convite à displicência e, em consequência, à frustração. Aos professores falta clareza do que e de como ensinar, aos coordenadores faltam diretrizes para orientar, aos alunos falta quase tudo. Só uma coisa não falta nesse cenário: a indisciplina ao alcance de todos!

Luis Carlos de Menezes, físico e educador da Universidade de São Paulo, acredita que os problemas de comportamento na escola ficam mais claros quando compreendemos como surge a indisciplina na vida social.

90 JANEIRO/FEVEREIRO 2008 www.novaescola.org.br

Título: A indisciplina ao alcance de todos.
 Fonte: MENEZES (2008).

3) Problemas da escola moderna

Uma série de questões estão prejudicando a escola no desempenho de suas funções. Dentre as mais importantes podemos destacar:

- a) **Deficiência curricular:** O conhecimento avançou de forma assustadora nos últimos 20 anos, mas a maioria dos sistemas escolares não alteraram os currículos, o que levou, em alguns casos, a uma defasagem entre a sala de aula e o mundo real. Alunos argumentam que preferem, às vezes, usar a internet como fonte de conhecimentos, a assistir a uma chatíssima aula no tradicional "professor, quadro e giz". No entanto, a lei que rege a educação brasileira procura flexibilizar os currículos e dar maior autonomia para a escola.
- b) **Indisciplina e desmotivação dos alunos:** Professores reclamam que gastam a maior parte do tempo tentando fazer com que os alunos prestem atenção às aulas, o que acaba prejudicando todo o planejamento pedagógico. Por outro lado, os alunos se queixam que não tem sentido estudar algumas disciplinas e que a maioria dos professores não fazem nada para tornar a aula mais interessante. Todos concordam que salas de aula com 50 ou mais alunos não ajudam a resolver o problema, mas a decisão de construir novas escolas pertence aos políticos.
- c) **Falta de recursos financeiros:** Profissionais da educação, pública ou privada, reclamam de baixos salários e pouco investimento em instalações e equipamento pedagógicos. Há casos em que faltam até mesmo cadeiras para estudantes e giz. Governantes alegam que fazem o possível, mas o sistema educacional cresceu assustadoramente nos últimos anos, tomando uma grande fatia dos orçamentos públicos. No ensino particular a situação não é muito diferente, com profissionais reclamando que trabalham muito e recebem pouco, além de não disporem das melhores condições de trabalho. O fato é que, no Brasil, a educação tem sido prioridade apenas nas campanhas eleitorais.
- d) **Violência dentro das escolas:** A escola não é mais um lugar

seguro. Já se foi o tempo em que os pais deixavam os filhos no colégio e iam trabalhar tranquilos. Educadores, alunos e pais estão perplexos com o aumento de problemas relacionados com o tráfico de entorpecentes, rivalidade entre gangues, agressões físicas e morais, roubos e outras ocorrências dentro das escolas. Há casos de alunos que deixam as escolas por medo da violência e dizem que os responsáveis não fazem nada para acabar com o problema. Na realidade, algumas medidas têm sido tomadas, como, por exemplo, o policiamento interno, mas a questão da violência escolar é complexa e ainda vai exigir muito esforço para solucioná-la.

- e) **Repetência, evasão escolar e baixa qualidade do ensino:** As pessoas pensam que é o governo que paga pela educação pública; na verdade, quem paga é a sociedade, o governo apenas administra o dinheiro que a sociedade paga em forma de impostos. O sistema educacional é o instrumento que a sociedade dispõe para receber a contrapartida (educação) do que já foi pago. É claro que não existe um sistema perfeito, e em qualquer lugar do mundo os sistemas educacionais apresentam algumas falhas. No Brasil, contudo, a população está reclamando, em primeiro lugar, da baixa qualidade do ensino. Não é raro encontrar alunos que concluíram o ensino fundamental e não sabem ler e nem escrever corretamente; em matemática e ciências a situação é ainda mais grave. Outro problema é a repetência: pesquisadores dizem que os índices de repetência no Brasil são dos mais altos do mundo, e os alunos que repetem encarecem o sistema. O alto índice de repetência acaba levando à evasão escolar, que é uma espécie de atestado de falência para qualquer sistema educacional, uma vez que o investimento feito, durante certo tempo, em um determinado aluno é quase que totalmente perdido com sua desistência.

Título: Problemas da escola moderna.

Fonte: QUEIROZ, 2009.

1) Introdução

Escola como instituição que fornece educação para todos é um fenômeno relativamente recente na História. Nas antigas sociedades, o papel de educar era exercido pela família, que fornecia os princípios básicos de convivência social (socialização) e dava formação necessária para exercer atividade econômica própria. Camponeses ensinavam aos filhos as técnicas da agricultura, comerciantes os segredos do comércio e assim por diante. Havia duas exceções: militares e religiosos, sendo os militares formados pelo exército ou marinha (Estado) e os religiosos normalmente formados por instituições religiosas, embora fosse comum em muitas sociedades antigas a prática do culto familiar. A formação superior era restrita apenas às atividades jurídicas, religiosas ou médicas.

Nas sociedades modernas a necessidade educacional é cada vez maior, o que acabou levando a família a entregar grande parte da responsabilidade de formar o indivíduo a uma instituição especializada, que é a escola. Na verdade, hoje em dia existe um certo conflito de atribuições entre a escola e as famílias, sendo consensual que a escola forneça uma educação acadêmica e a família se responsabilize pela formação moral e de valores. O problema é que alguns pais reclamam de professores que atuam em questões religiosas e ideológicas contrárias à orientação familiar. Por outro lado, educadores reclamam de pais que, por falta de tempo ou interesse, delegam aos professores toda responsabilidade pela formação acadêmica e moral.

2) Funções da educação

a) Função ocupacional: Uma das funções da educação é fazer com que o indivíduo seja capaz de exercer uma atividade profissional útil à sociedade. A indústria da construção precisa de engenheiros e técnicos que projetem estradas, pontes e casas. A moderna agricultura comercial necessita de agrônomos, químicos e outros profissionais na venda e distribuição dos produtos. Atualmente, toda atividade econômica exige uma formação técnica ou superior, o que faz da escola uma instituição fundamental para o mercado de trabalho.

b) Socialização: Crianças sentem a falta dos pais nas primeiras séries, mas com o tempo vão-se acostumando com os novos amigos e criando novas atitudes. A escola proporciona a oportunidade de a criança estabelecer os primeiros contactos sociais fora do meio familiar. No ensino médio, os jovens participam de festas e competições esportivas que são verdadeiros ensinamentos de vida social ativa.

c) Democratizar as oportunidades: Uma sociedade equilibrada deve fornecer oportunidades iguais para todos. Se todos tiverem um ensino básico de qualidade, teoricamente terão a mesma oportunidade de ingressarem em cursos superiores, independentemente de sua condição social. Porém, isso não acontece na prática, onde os ricos são favorecidos por terem acesso às escolas particulares de melhor qualidade e, com isso, garantem as melhores vagas na universidade pública.

d) Retardar a entrada no mercado de trabalho: Imagine se todas as pessoas comessem a trabalhar aos 15 anos de idade. Mesmo em uma economia funcionando plenamente, seria difícil absorver todos os anos um grande contingente de jovens procurando emprego e isso acabaria gerando um problema social: excesso de competitividade e desemprego. O fato é que o mercado está cada vez mais exigente quanto ao nível educacional, restringindo as melhores oportunidades a quem possua no mínimo o ensino médio, equivalendo a cerca de 18 anos de idade. Nesse sentido, a escola funciona como uma instituição que prepara os jovens e alivia a tensão no mercado de trabalho.

e) Transmissão de conhecimentos: Cabe ao sistema educacional o papel de transmitir o conhecimento produzido pelas antigas gerações e criar novos conhecimentos que atendam às necessidades da moderna sociedade.

Título: Introdução – Funções da educação.

Fonte: QUEIROZ, 2009.